

Martin Norberto Dreher

Jornada para o Brasil: História das migrações de povos de língua alemã



Realização



Patrocínio



Representações da República
Federal da Alemanha
no Brasil



Apoio cultural



Jornada para o Brasil: História das migrações de povos de língua alemã

“Partimos agora para a terra do Brasil”

(*Canção do Brasil*, de 1825, da região do Hunsrück)

Prof. Dr. Martin Norberto Dreher

No ano de 2024, serão comemorados os 200 anos da imigração continuada de migrantes falantes da língua alemã padrão e dialetos no território brasileiro. Eles dão início a nova fase da história do Brasil que se abre à imigração de não portugueses. Esses migrantes eram oriundos de estados e cidades-estado que, mais tarde, formarão o que hoje é a República Federal da Alemanha, mas também de Luxemburgo, França (Alsácia-Lorena), Áustria, Suíça, República Tcheca, Polônia, Ucrânia, Rússia, Dinamarca, Romênia (Bessarábia) e de outros países de língua alemã. Migrantes são pessoas que deixam seus territórios de nascimento em direção a outros territórios e regiões. As causas de suas migrações podem ser as mais diversas. Quando deixam seus territórios, são designados de *emigrantes*; quando ingressam em novo território são designados de *imigrantes*.

Considerando a maioria dos países acima mencionados, constatamos que migrações de falantes da língua alemã primeiro se dirigiram para o Leste europeu. Depois, houve remigrações. É o caso daqueles que vieram do Leste europeu e se juntaram a muitos outros que hoje formam o contingente de descendentes de “alemães” no Brasil. Além disso, temos refugiados que são pessoas obrigadas a deixar seu país para buscar refúgio em outros países, e a migração

sazonal, uma migração em diferentes estações do ano por conta de condições climáticas ou de trabalho.

A história da humanidade é a **história de suas migrações**. A tradição judaico-cristã recorda a migração de seus patriarcas a partir de Ur, na Caldeia, mas a lembrança de migrações também está presente entre as populações das Américas, da África, da Ásia e da Europa. Migrações sempre provocaram transformações na geografia humana. Tribos germânicas foram postas em movimento por outras que vinham do interior da Ásia e puseram fim ao Império Romano. A migração turca pôs fim ao Império Romano do Oriente. A migração árabe transformou a África e dominou a Península Ibérica. A escravidão africana forçou durante séculos mais de 12 milhões de africanos a deixar seu continente. Tais migrações tiveram incremento considerável nos séculos 19 e 20, mas permanecem também no século 21 como consequência do colonialismo, da melhoria dos meios de comunicação e das técnicas de informação. De modo algum podem ser esquecidas guerras e perseguições a indivíduos ou grupos humanos. A direção dessas migrações não foi única e podemos afirmar que tenha sido multidirecional. No século 19, elas partiam da Europa em direção à América do Norte, da Ásia para as três Américas e para a África. Desde meados do século 20, o Norte da Europa passou a ser alvo das migrações e de refugiados provenientes do Sul e Leste da Europa, da África, Ásia, da América Central e da América do Sul. Após a derrocada dos estados socialistas do Leste europeu, passou a ocorrer forte migração do Leste para o Oeste da Europa. No século 21, há forte migração da África e da Ásia em direção à Europa e da América Central e do Sul em direção à América do Norte. O Brasil é afetado no século 21 com migrantes provenientes da Venezuela, do Haiti, da Somália, da Ucrânia e de muitas outras nações. O fenômeno, no entanto, não é privilégio dos três últimos séculos. Basta lembrar a Rota da Seda ou a expansão imperialista de potências em todos os tempos e épocas. O encontro de culturas e religiões modificou substancialmente a geografia, de modo que se tem falado em multiculturalismo e/ou sincretismo, a fusão de diferentes doutrinas para a criação de uma nova.

Quando perguntamos pelas causas das migrações, podemos nos valer de conceitos como atração e repulsão. Elas podem ser de natureza social, política, econômica, cultural, religiosa ou ecológica. Essas causas favorecem a emigração de determinada região ou privilegiam imigração em outra. Assim, podem-se verificar migrações de país para país, do campo para a cidade, de cidade para cidade e de cidade para o campo. Além disso, não podemos esquecer migrações

internacionais. Nelas, podemos observar restrições e incentivos. Elas se orientam em identidades culturais, em interesses econômicos, mas também em motivações políticas, históricas ou religiosas.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas, em 2022, **3,5% da população mundial era formada por migrantes, totalizando 281 milhões de pessoas!** A título de comparação: Na década de 1970, representavam 2,3% da população mundial. São 200 milhões de pessoas a mais do que naquela década. Não fora a pandemia da Covid e os altos índices de mortalidade infantil, teríamos mais dois milhões de migrantes. Em 2020, 40,5 milhões de pessoas foram forçadas a fugir de seus países contra 31,5 milhões em 2019. O crime organizado e a pandemia levaram ao deslocamento de 1 milhão de pessoas no México e na América Central. Devido à crise instalada na Venezuela, o Brasil é o quinto maior destino de venezuelanos, ao lado da Colômbia, Peru, Chile e Equador. Desastres naturais fazem do Brasil o terceiro país com mais pessoas deslocadas nas Américas. A fuga do Norte da África para a Europa transformou o Mar Mediterrâneo num grande cemitério, devido a constantes naufrágios de embarcações sem as mínimas condições de segurança. No entanto, mais de 80% dos migrantes africanos não deixam esse continente. Apenas pequena parte tenta chegar à Europa, e essa não vem das camadas mais pobres da população. Trata-se de populações médias com risco de empobrecimento. Emigrar custa caro. Os que se submetem ao risco de migrar para a Europa são naturais do Marrocos, Egito, Nigéria, Senegal e Tunísia. Não encontramos comunidades significativas de países africanos mais pobres. Esses migram para países vizinhos. Quando da chamada Primavera Árabe, responsável pela queda ou instabilidade de regimes ditatoriais e o surgimento de profunda incerteza e insegurança na Líbia, Tunísia e Síria, milhões tiveram que deixar seus países e hoje vivem em acampamentos de refugiados, a exemplo do que aconteceu com populações palestinas quando da criação do Estado de Israel. Guerras no Sahel, Tigré, Norte de Moçambique, Leste do Congo levam ao surgimento de milhões de deslocados e refugiados.

Os fluxos migratórios do mundo deverão aumentar. Há explosão populacional em alguns países, o que deve aumentar a busca por alimentos e a consequente destruição da natureza na busca por maiores espaços para a agricultura e a pecuária. Até 2050, a população africana duplicará, chegando a 2,5 bilhões. Os africanos serão ¼ da população mundial! Somente a Nigéria terá população de 450 milhões de pessoas. A água se tonará mais escassa, mais pessoas migrarão e, se persistir a tendência atual, aumentarão as desigualdades sociais. Por outro

lado, a população europeia envelhecerá e diminuirá. Talvez os migrantes venham a ser sua salvação.

Nos séculos 19 e 20, milhões de falantes da língua alemã deixaram o continente europeu por questões semelhantes, e o além-mar significava uma possibilidade de recomeços e de “exportação” de problemas. Na atualidade, o mundo ficou “mais pequeno” e o além-mar, muito mais próximo.

Migrar é fenômeno global. Auxiliou na sobrevivência humana, no surgimento de civilizações e no desaparecimento de outras. No continente europeu, a migração foi realidade constante. Foi no século 15 que teve início a **expansão marítima europeia**. Ao longo dos séculos, levou pessoas europeias a todos os continentes. As línguas faladas nos demais continentes são consequência dessa migração: português, espanhol, inglês, francês. Elas dizem também da ocupação de territórios no além-mar. Entre 1840 e 1914, 40 milhões de pessoas deixaram a Europa.

A exploração do Oceano Atlântico teve início no século 15, e Portugal deu início a ela, em 1415, com a conquista de Ceuta. Em 1492, seria seguido pela Espanha, com a chegada de Colombo à América. O conhecimento náutico havia aumentado, e novas tecnologias haviam aprimorado a navegação. Economia, política e geografia possibilitaram a Portugal ser pioneiro na exploração do Atlântico. Descobriu rotas e estabeleceu relações comerciais, pois, desde o final do século 14, tinha estabilidade política, o que levou ao desenvolvimento econômico. O território estava consolidado. Recebia comerciantes de toda a Europa. Voltado para o Atlântico, teve à sua disposição as correntes marítimas. A conquista de Ceuta (1415) foi motivada pelo interesse no ouro árabe e na busca por contato com uma lenda, o Preste João. Depois dela, teve início a exploração da costa africana, pensando poder alcançar através dela as Índias, já que, em 1453, Constantinopla fora conquistada pelos otomanos. Grande interesse estava voltado para as “especiarias”. Elas auxiliavam na conservação dos alimentos e podiam ser utilizadas no preparo de cosméticos e, principalmente, poderiam significar riqueza para quem as comercializasse. Assim, os portugueses foram chegando a Madeira (1420), Açores (1427), Cabo Verde (1460), São Tomé (1471). Para eles, foi importante o uso de novo tipo de embarcação: a caravela. Em 1488, chegavam ao Cabo da Boa Esperança, no Sul da África. Logo, Vasco da Gama descobriria o caminho das Índias em suas viagens de 1497 e 1498. Em 1500, seria montada a expedição que levaria Pedro Álvares Cabral ao Brasil.

A **expansão portuguesa** e a criação de seus territórios ultramarinos não teriam sido possíveis, caso não tivessem contado com a participação de

mercenários, técnicos, capitalistas e cientistas, especialmente da Europa Central (alemães e italianos). Esse fato também se refletiu no Brasil. Quando Cabral, a caminho da Índia, atracou no litoral brasileiro, havia em sua companhia componentes de destacamento de artilheiros alemães. Esse destacamento de artilheiros alemães era instituição permanente em Portugal desde 1489. Entre eles, segundo alguns historiadores, encontrava-se “Mestre João alemão”, instrutor de navegadores portugueses. A seu lado havia em Portugal astrônomos, geógrafos e cosmógrafos alemães a serviço da Coroa. Segundo Francisco Adolfo de Varnhagen, ao lado da carta de Pero Vaz de Caminha, é de autoria de Mestre João o primeiro documento sobre o Brasil. Diga-se, desde logo, que Portugal dependeu, em sua expansão, da participação de pessoas provenientes dos mais distintos países e regiões da Europa, pois sua população era insuficiente para as exigências que se apresentavam. Deve-se a essa situação o fato de nos depararmos, durante o período que denominamos de Brasil Colônia, com forte presença de falantes da língua alemã e seus dialetos. Sua presença, no entanto, sempre é episódica.

De início, chama a atenção a presença, entre 1548 e 1555, de [Hans Staden](#). Nascido por volta de 1525, em Homberg e falecido depois de 1558 em Wolfhagen(?), foi canhoneiro a serviço da coroa portuguesa e participou de combates em Pernambuco e na capitania de São Vicente. Por mais de nove meses foi prisioneiro dos Tupinambás. De sua pena surgiria o primeiro livro escrito sobre o Brasil. Seu título é barroco: *História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hesse até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hesse, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com esta Impressão*. Staden menciona o relato de Ulrich Schmidl, *Relatos da conquista do Rio da Prata e Paraguai 1534-1554*, fundamental para os primórdios da região platina.

Depois de Staden, merece menção o nome de Heliodoro Eobano Hesse nos primórdios da ocupação territorial do Brasil. Além de Santos e São Vicente, no litoral de São Paulo, havia apenas no Nordeste alguns pontos de presença portuguesa. Daí que, por volta de 1555, franceses buscassem ocupar a Baía da Guanabara e estabelecer ali colônia e refúgio para franceses huguenotes, calvinistas franceses. Para fazer frente aos franceses, Mem de Sá solicitou reforços de Portugal e buscou também por reforços na própria Colônia entre colonos e índigenas seus escravos. Entre os que procederam de São Vicente, encontrava-se

também Heliodoro Eobano Hesse, liderando cerca de 300 indígenas. Após a vitória sobre os franceses, Heliodoro permaneceu no Rio de Janeiro com a esposa Maria Pereira de Souza, onde se tornou tabelião, vindo a falecer quando de novo confronto com os franceses, em 1568. Dele e da esposa descendem os Ébano Pereira, como, por exemplo, Eleodoro Ébano Pereira, um dos fundadores de Curitiba. O pai de Heliodoro foi reitor da Universidade de Marburgo.

A concorrência dos Países Baixos com Portugal e Espanha levou à tentativa holandesa de anexar parte considerável da colônia portuguesa no Nordeste brasileiro. A Companhia das Índias Ocidentais contratou Johann Moritz von Nassau-Siegen para governar e administrar a colônia brasileira. Ele é o responsável pela edificação de Recife, tendo trazido ao Brasil diversos cientistas alemães, como Georg Markgraf (1610-1644), Wilhelm Pies (1611-1678) e Zacharias Wagner (1614-1668). Pies escreveu uma obra de 12 volumes, *Historia Naturalis Brasiliae*, originalmente publicada em Amsterdam. Há tradução portuguesa de 1942. Wagner foi pintor, natural de Dresden. É considerado o primeiro pintor dos trópicos. Em 1904, seu *Thierbuch* (Livro de animais) foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, v. XI.

A partir de 1685, a Companhia de Jesus deu início à fundação de muitas aldeias com o concurso de jesuítas alemães, todas elas dedicadas ao aldeamento e catequese de populações indígenas. Sua área de atuação estendia-se ao longo do curso superior e médio do Amazonas até a foz do Rio Negro e tinha por superior o Padre Samuel Fritz (1654-1725). Fritz produziu o primeiro mapa do imenso caudal. Alexander von Humboldt louvaria suas observações científicas. Ao lado do Padre Fritz, devem ser mencionados Johann Philipp Bettendorff (1625-1698), que se destacou no estado do Maranhão, Anselm Eckart (1721-1809) no Pará, Jodocus Perret (1633-1707) no Amapá, Alois Konrad Pfeil (1638-1701), hábil desenhista e cartógrafo, no Amapá e Pará, Hans Xaver Treyer (1668-1737), professor de escultura e pintura no colégio de Belém. No Brasil Meridional, nas reduções guaraníicas, destaca-se o nome do jesuíta Padre Anton Sepp von Rechegg (1655-1733), fundador, entre outras, da redução São João Batista, no atual Rio Grande do Sul.

Não menos importante foi a contribuição de Johann Heinrich Boehm (1708-1783). O Marquês de Pombal nomeou-o comandante supremo de todas as tropas no Brasil, tornando-se, assim, em 1767, o fundador do exército brasileiro. Na época, detalhou proposta que pretendia a consolidação da reconquista com a instalação de colônias de agricultores. O plano só viria a se concretizar cerca de cinquenta anos mais tarde, quando da instalação da Colônia Alemã de São Leopoldo.

Além disso, durante o período colonial, vieram para a região do Amazonas engenheiros, aventureiros, soldados, comerciantes, entre outros.

Em 13 de novembro de 1807, Napoleão Bonaparte declarou: “A casa de Bragança deixou de reinar!” Com a invasão do território português por tropas francesas, o futuro rei D. João VI resolveu **transferir a sede do império português para o Brasil**. Em seguida, abriu os portos do país ao comércio internacional, comércio e indústria puderam se desenvolver, a vida cultural e intelectual recebeu espaço e, finalmente, puderam ser criadas escolas primárias e colégios secundários, academia de belas artes, escola superior de guerra, bibliotecas, museus, jardim botânico, tipografias. Teve início a exploração científica do país. As capitânias transformaram-se em províncias. Em 16 de dezembro de 1813, era proclamado o “Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves”. Ainda em 1808, D. João VI permitirá que estrangeiros se tornem proprietários de terras no Brasil, possibilitará a formação de colônias no Sul da Bahia e criará, com suíços, a colônia de Nova Friburgo. Entre os colaboradores de D. João VI destaca-se, então, João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg (1776-1838). O rei designou-o para o Mato Grosso, depois para governar o Ceará, onde introduziu a vacina contra a varíola. Em 1818, foi nomeado governador de São Paulo, tendo papel destacado na Independência. Em 26 de abril de 1821, sob pressão das cortes portuguesas, D. João VI retornava a Lisboa, ficando seu filho Pedro como regente no Brasil. Pedro não teve formação aprimorada. Teve virtudes e vícios. Seus anos de governo devem seu sucesso à esposa, por fim vítima de seu caráter. Ela era a arquiduquesa Leopoldina Carolina Josefa de Habsburgo, casada com Pedro, por procuração, a 13 de maio de 1817, em Viena, Áustria. Culta e de educação aprimorada, logo conquistou a confiança da população do Brasil. Tinha grande inclinação para as ciências naturais, em especial a mineralogia, a fauna e a flora. Ao chegar ao Brasil, veio acompanhada de grande séquito: pesquisadores, sábios, artistas e técnicos, importantes para a construção do país que se preparava para a Independência. Desde o início, tomou partido da terra e de seus habitantes contra os interesses das cortes portuguesas. Quando das exigências de que ela e Pedro retornassem à Europa, decidiu-se pelo Brasil. Foi ela quem, presidindo o Conselho de Estado, juntamente com José Bonifácio de Andrada e Silva, declarou a independência do Brasil e, semanas antes, enviou à Europa seu ajudante de Ordens, Georg Anton von Schaeffer, para que recrutasse soldados que deveriam vir ao Brasil misturados a famílias de agricultores que seriam instalados no Brasil Meridional “à moda dos cossacos”. Os soldados se envolveriam nas lutas pela Independência.

Na Província de São Paulo, além de Oyenhausen-Gravenburg, se destacaria Daniel Pedro Müller (1785-1841). Filho do pastor luterano de Lisboa, Müller destacou-se na Província de São Paulo como engenheiro, construtor de estradas, pontes e fabricante de armas. Oyenhausen-Gravenburg e Müller assumem a liderança das províncias do Sul para apoiar e efetivar a Independência.

A Independência não teria se concretizado, caso Pedro e Leopoldina tivessem obedecido às Cortes e retornado a Portugal. Além disso, o retorno a Portugal teria significado, de fato, o fim do reino criado por D. João VI, a sublevação de diversas províncias e a impossibilidade de manter o Brasil unido. O colosso se fragmentaria. Leopoldina, contudo, foi a responsável pelo "Fico". Leopoldina tomou o partido dos patriotas que buscavam a independência do Reino antes Colônia e desistiu da ideia de retorno à Europa. Convenceu também o esposo a não prestar obediência às cortes e tomar o partido das populações que se identificavam com a terra. Em carta a José Bonifácio, declarou estar pronta "a deixar a minha vida para o bem público e da nação brasileira a que eu m'estimo felicíssima de pertencer". Ao seu ajudante de ordens, escreveu a respeito de Pedro: "Ele está mais bem disposto para os brasileiros do que eu esperava – mas é necessário que algumas pessoas o influam mais, pois não está tão positivamente decidido quanto eu desejaria. Dizem que as tropas portuguesas o obrigarão a partir. – Tudo então estaria perdido, e torna-se necessário impedi-lo". As frases evidenciam a princesa "estrangeira" preocupada com o futuro da nação. Ela é a responsável pelo 9 de janeiro de 1822 e pelo "diga ao povo que fico". Depois escreveria ao pai, dizendo que estava feliz por permanecer no Brasil.

Em 13 de agosto de 1822, Pedro transferiu a Leopoldina os poderes da regência, enquanto ele se dirigia a São Paulo. De Portugal vinham determinações para responsabilizar Oyenhausen, José Bonifácio e seus ministros. Na Bahia, tropas portuguesas cometiam arbitrariedades. Em 1º de setembro, Leopoldina convocou o Conselho de Estado. Após o relato de José Bonifácio sobre a situação que se apresentava e seu irmão Martim Francisco ter perguntado o que restava fazer, Leopoldina afirmou: "Uma coisa só: proclamar a separação do Brasil!" Foi nesse dia que se deliberou a separação do Brasil de Portugal. José Bonifácio e Leopoldina escreveram a Pedro e seguiu-se o 7 de setembro e, a 12 de outubro, a proclamação do Império do Brasil. A aceitação da proclamação da independência não foi unânime. Havia caminho a percorrer e faltavam tropas confiáveis para assegurá-la. Era necessário aliciar tropas no exterior. Em 8 de fevereiro de 1823, Pedro criaria os batalhões de estrangeiros. Para seu recrutamento, já antes do 7 de setembro, José Bonifácio

comissionou Georg Anton von Schaeffer (1779–1836/1837), que já estava a serviço do Brasil desde 1821.

Schaeffer nasceu em Műnnerstadt, Francônia, a 7 de janeiro de 1779. Estudou medicina e passou ao serviço da Rússia. Em viagem de circum-navegação russa, chegou ao Brasil pela primeira vez. O czar deu-lhe título de nobreza, daí o “von”. D. João VI concedeu-lhe terras no Sul da Bahia. Nelas assentou colonos naturais da Francônia, denominada de Frankental. No Rio de Janeiro granjeou a simpatia de Pedro e Leopoldina. Algumas semanas antes da proclamação da Independência, José Bonifácio incumbiu-o de recrutar soldados nos territórios de língua alemã que deveriam vir misturados a casais de agricultores que seriam instalados no Brasil Meridional “à moda dos cossacos”. Esses primeiros soldados e colonos foram recrutados em Hamburgo, em Mecklemburgo-Schwerin e no Planalto do Hunsrück, dando início ao projeto de imigração e colonização com falantes da língua alemã e à formação de batalhões de estrangeiros utilizados na integração das províncias do Norte ao Brasil independente. Os casais de agricultores e artesãos seriam instalados em Nova Friburgo/RJ (maio de 1824) e na Colônia Alemã de São Leopoldo (julho de 1824), dando início ao estabelecimento de colônias de imigrantes de língua alemã no Brasil. Após a queda de Pedro, Schaeffer retirou-se para o Sul da Bahia, onde veio a falecer entre 1836 e 1837, deixando esposa e filha, em Viçosa/BA.

Com Leopoldina, ou no projeto de imigração e colonização, vieram ao Brasil cientistas, pesquisadores, pintores e viajantes que nos legaram preciosas informações sobre o Brasil da primeira metade do século 19. Merecem ser destacados Johann Daniel Hillebrand (1795–1880), médico que acompanhou imigrantes para São Leopoldo/RS e nos legou importantes relatórios sobre os primórdios dessa colônia. Ainda chegados com D. João VI merecem ser destacados: Na siderurgia, destacou-se Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen (1783–1842). Especialista em minas e siderurgia, atuou na Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema. Foi pai do primeiro historiador brasileiro; Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777–1855), perito em siderurgia e geologia. Foi o responsável pela primeira estruturação da indústria do ferro no Brasil, sobretudo em Minas Gerais. No séquito de Leopoldina, vieram o zoólogo Johann Natterer, o botânico e entomólogo Johann Christian Mikán (1769–1844), o mineralogista Johann Emanuel Pohl (1782–1834), o pintor Johann Buchberger. A esses foram acrescidos, por iniciativa de Maximilian Joseph I, rei da Baviera, os naturalistas [Carl Friedrich Philipp von Martius \(1794–1868\)](#) e [Johann Baptist von Spix \(1781–1826\)](#). Com a participação ainda de outros nomes,

tratou-se da maior expedição científica que até então havia pisado em solo brasileiro. Por iniciativa de Langsdorff, Johann Moritz Rugendas (1802-1858) viria ao Brasil, pintando o Rio de Janeiro e vizinhanças, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Pernambuco. Além de muitos outros [viajantes alemães](#) que vieram ao Brasil durante os séculos 19 e 20 para estudar, explorar e conhecer o país.

As **razões** que levaram falantes da língua alemã a migrarem para o Brasil são várias e correspondem a diferentes épocas. Os grupos chegados entre 1824 e 1830 haviam sofrido o impacto das Guerras Napoleônicas, da emancipação do campesinato (fim da servidão da gleba) e da crise do artesanato. A região do Palatinado, contudo, continuaria a expulsar populações em decorrência do forte parcelamento do solo. As Revoluções Liberais de 1848 levaram muitos representantes da burguesia liberal a seguir o lema *ubi bene ibi patria* (onde me sinto bem, é minha pátria). Eles deixaram suas marcas em colonizações como a de Joinville e toda uma intelectualidade que marcou a nova fase da imigração no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. A emancipação do campesinato no Leste alemão e a mecanização da lavoura em seu território levou a que grandes contingentes da Pomerânia e da Prússia Oriental se transferissem para o Brasil. Ao mesmo tempo, crises na indústria e na mineração do carvão de pedra na Renânia e na Vestfália provocaram o desemprego de milhares que se dirigiram para o Vale do Taquari/RS ou para a região de Jaraguá do Sul/SC. Logo a Guerra Franco-Prussiana (1870) expulsaria outros contingentes e jovens que fugiam do serviço militar. Também a burguesia foi atingida. Empobrecida, não viu outra possibilidade a não ser emigrar. O fim dos direitos concedidos por Catarina, a Grande a migrantes alemães e suspensos pelos czares levaram a que teuto-russos migrassem para o Paraná e o Rio Grande do Sul, por volta de 1870. A Revolução de Outubro de 1917 e a introdução do regime soviético faria com que outros descendentes de teuto-russos migrassem para o Brasil, a exemplo dos que se instalaram em Iracema e São Carlos no Oeste de Santa Catarina, ou dos menonitas instalados no Paraná. Como observou Jean Roche, a migração para o Brasil foi “migração dirigida” e dependeu de subsídios em decorrência da distância muito maior a ser vencida entre a Europa e o Brasil, diferente do que acontecia com a travessia do Atlântico no hemisfério Norte. Houve também pessoas que buscaram refúgio no Brasil devido à perseguição política ou para fugir do Holocausto do regime nazista. Resumindo, os motivos da emigração foram principalmente de natureza social, política, econômica e religiosa.

Inicialmente, o deslocamento, no século 19, do local de origem até o local de assentamento no Brasil levava cerca de um ano. Ele era feito a pé, e os poucos

pertences, transportados em carroças. Dependendo da região de origem dos emigrantes, parte do trajeto podia ser feito por via fluvial, pelos rios Reno ou Elba. Com a instalação de ferrovias a partir de 1835, o deslocamento pôde ser feito de maneira mais rápida. Os portos de embarque rumo ao Brasil se alternaram ao longo do tempo. O grupo embarcado em 1823, destinado a Nova Friburgo, partiu do porto de Amsterdam, na Holanda. Já o segundo embarque para Nova Friburgo saíria da cidade hanseática de Hamburgo. De Hamburgo, rumo a São Leopoldo, partiriam os primeiros embarques feitos por Georg Anton von Schaeffer, mas, por causa de reclamações do governo da Prússia, os embarques foram transferidos para Altona, então pertencente à Dinamarca. Outra importante cidade hanseática para embarque rumo ao Brasil foi Bremen. Um número menor de imigrantes de língua alemã saiu também de outros portos europeus, como Genova e Antuérpia. Via de regra, não havia acomodações para os emigrantes nos portos aos quais chegavam, visto que somente mais tarde foram construídos os alojamentos e as salas de espera. Há muitos relatos de famílias que ficavam ao relento. Longas esperas até o embarque acabavam com as poucas economias. Os veleiros que trouxeram os imigrantes não estavam preparados para o transporte de passageiros, o que tornou mais desgastante a travessia de até 120 dias! Somente a partir de 1828 temos veleiros construídos para a travessia de pessoas. O primeiro deles foi o Olbers. Sejam mencionados os nomes de alguns dos veleiros: Argus, Caroline, Germania, Anna Louise, Georg Friedrich, Peter und Maria, Der Kranich, Tritton, Friedrich Heinrich, Creole, Fortuna, Company Patie, Friedrich, Brodtrae, Harmonie... As travessias melhoraram consideravelmente após 1845. Naquele ano, 239 navios a vapor aportaram no Rio de Janeiro. Do Rio de Janeiro, excetuando-se Nova Friburgo, os imigrantes eram transportados, em embarcações costeiras, a portos como Vitória/ES, Santos/SP, São Francisco do Sul e Itajaí/SC, bem como Rio Grande ou Porto Alegre/RS. Estima-se que cerca de 310.000 falantes da língua alemã e de seus dialetos tenham emigrado para o Brasil até os anos 1980. Quase a metade chegou no século 20. O auge da imigração alemã se deu, conforme o IBGE, nos anos 1920, com mais de 75.000 imigrantes de língua alemã. Estima-se que 5% da população brasileira sejam descendentes de imigrantes falantes do idioma alemão. É difícil estabelecer o número exato, pois muitos constam de relações de imigrantes russos, poloneses, suíços, etc.

Foi no **Nordeste** brasileiro que se deu a instalação dos primeiros núcleos de falantes da língua alemã. Eles pouco têm sido estudados na historiografia relativa à imigração. No Sul da Bahia, foram exercitados os primeiros projetos de imigração e colonização. Em 1818, no atual município de Caravelas, junto ao

rio Peruípe, foi criada a primeira colônia, a qual recebeu o nome de Leopoldina. Entre eles, havia também suíços, franceses e belgas. A colônia foi dividida em 40 fazendas, sendo o trabalho na terra realizado por cerca de 2.000 escravos africanos. As plantações dedicavam-se especialmente ao cultivo do café. Nesse mesmo ano foi fundada a colônia São Jorge dos Ilhéus ou São Jorge da Cachoeira, por iniciativa de Peter Weyll e um sócio de sobrenome Saueracker. Geograficamente situada entre Itabuna e a Vila de Ilhéus, recebia imigrantes que vinham dos territórios alemães e da Suíça, totalizando 28 famílias com 161 indivíduos, aos quais foram acrescentados novos imigrantes provenientes de Hamburgo. Muitos desses indivíduos foram dizimados pela fome e pela desnutrição, outros dispersaram-se. Os que permaneceram dedicaram-se especialmente ao cultivo do cacau. Em 1821, Georg Anton von Schaeffer fundou a colônia Frankental, também junto ao rio Peruípe. Os colonos eram provenientes da Francônia. Em 1824, formavam contingente de 20 pessoas. A elas, juntaram-se mais 16 pessoas enviadas do Rio de Janeiro.

A instalação de colônias de imigrantes no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina parece ser a causa da interrupção da imigração para a Bahia. Somente em 1859 se tem notícia da instalação de nova colônia, dessa vez na região central da Bahia, no atual município de Gentio do Ouro. Mineiros provenientes da região do Harz, em território alemão, foram contratados pela Companhia Metalúrgica do Ouro, nas minas de Assuruá. Seu número oscilava entre 200 e 260 indivíduos. Nada estava preparado para recebê-los. Atuaram por certo tempo na mina. A maioria abandonou a localidade e os que permaneceram deixaram-na em 1861, por causa de grande seca. A falta de condições provocou revoltas. Em 1873, Policarpo Lopes de Leão e Egas Moniz de Aragão estabeleceram contrato com firmas alemãs para trazer ao Brasil 10.000 colonos que seriam instalados na Bahia e no Maranhão num período de seis anos. Esse número jamais foi alcançado, mas 2.000 pessoas, adultos e crianças, originárias do Império Alemão, da Áustria e da Suíça, foram instaladas em Comandatuba, junto ao rio Uma, no Sul da Bahia. Nessa colônia também foram instalados suecos, noruegueses e ingleses. Todos saíram do porto de Antuérpia entre novembro de 1872 e agosto de 1873 e foram assentados em quatro núcleos: Núcleo Colonial Carolina, Núcleo Colonial do Poço, Colônia Moniz e Colônia Theodoro. Na Colônia Moniz estava a administração do empreendimento, a qual também contava com dois médicos, um agrimensor, um farmacêutico e um pastor luterano, o Dr. Gottfried Hessel. Tifo e malária causaram muitas mortes entre os imigrantes. Houve conflitos entre católicos e protestantes.

Os núcleos deixaram de existir em 1874. Mais de 1.000 imigrantes foram repatriados para o Império Alemão, mas 160 permaneceram no Brasil.

Nenhuma das experiências feitas com colonização a partir de imigrantes falantes do alemão na Bahia teve êxito. Os motivos são os mais variados, devendo ser destacada a questão climática, a localização das colônias e seu solo, entre outros. Uma última tentativa com falantes da língua alemã foi feita em 1930, quando se deu a localização de teuto-russos, originários das regiões do Volga e da Volínia, na Colônia de Itaracá, localizada no vale do rio Una. Nela, foram assentadas 23 famílias católicas num total de 93 indivíduos, depois transferidos para Santa Catarina. Se a instalação de colônias agrícolas não teve êxito na Bahia, êxito tiveram aqueles imigrantes que se localizaram em Salvador. Já em 1828, estabelecia-se em Salvador a Firma Westphalen, Bach & Krohn. Em São Félix e Maragogipe, instalaram-se as indústrias fumageiras Dannemann e Suerdick. Dannemann remonta ao século 19. Dessas firmas e de seus funcionários surgiram escolas desde 1860, clubes e associações. Em 1873, foi fundada a Sociedade Germânia.

Já em **Pernambuco**, excetuando-se os alemães ali radicados no período colonial, temos notícia da instalação de uma colônia de imigrantes de língua alemã em 1828, denominada de Colônia Santa Amélia. Ela tem sua origem em naufragos ou por imigrantes abandonados nas costas do Rio Grande do Norte que se dirigiam ao Sul do Brasil. Levados até o Recife, o governo provincial enviou-os para uma colônia agrícola chamada Cova da Onça, distante onze quilômetros do Recife. O problema é que essa colônia era vizinha de um quilombo, e o propósito do governo provincial era valer-se dos colonos para afugentar os quilombolas. Dois anos mais tarde, a colônia recebeu mercenários alemães, ex-combatentes do 28º Batalhão de Caçadores, além de cerca de 200 pessoas utilizadas no plantio do café e de alimentos de subsistência.

No ano de 1839, 195 artífices alemães, provenientes de Hamburgo, foram contratados pelo governo do Barão da Boa Vista. Formaram a “Companhia de Operários”. Eles foram inseridos em projeto de modernização da cidade do Recife, obra iniciada em 1830 sob o comando do engenheiro e major J. Bloem, que se tornou, mais tarde, o administrador da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, no interior de São Paulo.

Eram mestres, contramestres, pedreiros, carpinteiros e marceneiros. As medidas do Barão da Boa Vista atraíam outros profissionais para a cidade, levando a que, em 1872, 111 falantes da língua alemã residissem no Recife. A vinda desses alemães deveu-se à crise corporativa alemã da década de 1830. Desde a

década de 1830, o mercado alemão se fechava à tradição corporativa, passando a imperar uma proletarização da mão de obra. Os profissionais ligados a corporações foram considerados muito caros e preteridos. Para muitos, o que restou foi a emigração para novos mercados, como o Recife. Aos poucos, formou-se na cidade uma comunidade alemã de cerca de 200 indivíduos. Logo houve também ourives, relojoeiros, diversos tipos de artesãos. Formaram também associações como a “Associação Beneficente de Alemães e Suíços” (1842), a “Associação Beneficente Alemã” (1867), a “Associação de Canto Coral” (1915). No campo religioso, houve a fundação de uma comunidade luterana e outra católica. Religiosos franciscanos alemães da Província Saxônica e beneditinos da congregação de Beuron, do vale do rio Danúbio, em Baden-Württemberg, instalaram-se ali.

Após 1918, houve novo incremento da imigração alemã em Pernambuco, quando a família Lundgren trouxe mão de obra qualificada da Alemanha para atuar em Paulista, distante 18 quilômetros do Recife, onde adquirira uma tecelagem. Essa imigração, contudo, sofreria brusca interrupção por motivo dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Especialmente os funcionários da empresa Lundgren foram levados para um campo de concentração localizado em Araçoiaba, distante 60 quilômetros do Recife.

O nome da família Lundgren também se faz presente no município de Rio Tinto, na **Paraíba**. Em 1917, a família adquiriu terras do Engenho da Preguiça e, valendo-se da grande produção de algodão da região, fundou a Companhia de Tecidos Rio Tinto. Com ela, criou também a hoje cidade de Rio Tinto, para a qual foram trazidos trabalhadores alemães, com os quais se constituiu a única colônia germânica na Paraíba. Quando a família Lundgren desativou sua produção fabril na Paraíba, os imigrantes e descendentes migraram para João Pessoa.

A miséria que atingiu diversas áreas da Suíça após a queda de Napoleão, bem como chuvas torrenciais e más colheitas levaram ao êxodo de milhares de suíços, especialmente para a América do Norte. Isso, contudo, não impediu que fossem estabelecidas negociações com o Brasil de Dom João VI, o que levou à fundação da colônia de **Nova Friburgo**, no ano de 1818, na comarca de Cantagalo, na fazenda do Morro Queimado. Objetivou-se trazer até cem famílias católicas, devendo as mesmas abranger sapateiros, moleiros, curtidores, alfaiates, com o compromisso de ensinar seus ofícios aos brasileiros. Sacerdotes, médicos e farmacêuticos deveriam acompanhar os imigrantes. No ano de 1819, 1.682 suíços chegaram ao Brasil por conta do governo real. Os imigrantes receberam terras e subsídios nos primeiros anos de seu assentamento. No entanto, as terras

não eram apropriadas para a agricultura. Seiscentos e quarenta e cinco indivíduos logo abandonaram a colônia. Para substituí-los, ingressaram na colônia, em maio de 1824, 334 colonos provenientes do território de Hesse, especialmente da localidade de Becherbach, junto a Kirn, acompanhados por um pastor, o reverendo Friedrich Oswald Sauerbronn, primeiro pastor luterano no Brasil. Os colonos recrutados em Hesse vieram no veleiro Argos, tendo sido embarcados em Amsterdam. A viagem foi complicada. O primeiro grupo dos alemães destinados a Nova Friburgo chegou ao Rio de Janeiro em 23 de dezembro de 1823. No **Rio de Janeiro**, ficaram sabendo que não mais seriam enviados para as colônias de Leopoldina e Frankental no Sul da Bahia, mas para Nova Friburgo. Houve protestos. Para chegar a Nova Friburgo, tiveram que ir reconstruindo a estrada que até lá levava. Lá chegados, foram alojados em casas na Praça da Justiça, após 40 horas de percurso, devendo ser instalados nos lotes abandonados pelos suíços, num total de 35, mas, destes, 13 eram inadequados para a produção agrícola e 11 eram de propriedade de órfãos e de soldados que serviam ao Império. Logo se instalaram dificuldades e começou a acontecer dispersão dos chegados na direção dos “sertões de Macaé”. Houve os que prosperaram (também em decorrência dos recursos financeiros que haviam trazido consigo), outros amargaram fome e insucesso. Os colonos logo se adequaram à economia cafeeira, e a vila de Nova Friburgo se beneficiou da passagem das tropas que transportavam café, mas que também necessitavam de outros alimentos produzidos pelos colonos: milho, batata e toucinho. Quando da dissolução dos Batalhões de Estrangeiros, formados por Pedro I, muitos desses soldados rumaram também para a vila e ali se estabeleceram. Durante a Primeira Guerra Mundial, navios alemães foram retidos no Brasil. Seus marinheiros e oficiais foram encaminhados para o Sanatório Naval de Nova Friburgo, onde viriam a atuar nas indústrias locais. A instalação da indústria têxtil no município propiciaria a vinda de outros tantos profissionais alemães.

A cidade do Rio de Janeiro foi, por muito tempo, o principal porto de entrada de imigrantes no Brasil. No final do século 19 e início do 20, quando chegavam, muitos eram também encaminhados para a Hospedaria da Ilha das Flores (1883-1966) e depois remanejados para as fazendas de café, em sua maioria. Sempre houve imigrantes que se instalavam no Rio de Janeiro e ali permaneciam por tempo determinado, tendendo a ser assimilados por matrimônio ou associação comercial. Com isso, se distinguiram daqueles que fundaram as comunidades rurais de imigrantes pelo restante do país. A cidade do Rio de Janeiro foi marcada pelas atividades de comerciantes das cidades hanseáticas (Hamburgo, Lübeck e

Bremen) e por artesãos, como relojoeiros e ourives. Enquanto os comerciantes se fixaram na capital do Império por tempo determinado, os artesãos ali permaneceram, pois havia carência para seus serviços e produtos. Os comerciantes possibilitaram o estabelecimento de acordos diplomáticos, sendo, não raro, cônsules de suas cidades-estado. Assim, entre 1818 e 1830, ano em que o Parlamento tira de Pedro I os recursos para a imigração e colonização, entraram pelo porto do Rio de Janeiro 6.856 alemães, dos quais praticamente 3.000 se tornaram mercenários a serviço dos batalhões de estrangeiros do imperador. Posteriormente, a Prússia em ascensão estabeleceria acordos com o Império para assegurar mercado para seus produtos embarcados através dos portos hanseáticos.

Com a instalação de colônias alemãs no Brasil, favoreceu-se o consumo de produtos alemães e, através dessas colônias, propaganda para os mesmos produtos. Assim, a cidade do Rio de Janeiro e seus comerciantes alemães tiveram a função de suprir os imigrados com produtos alemães e auxiliaram no fomento à produção desses produtos nos locais de origem. Os comerciantes dedicaram-se à exportação de açúcar, café, tabaco, algodão e drogas do sertão, como cacau, castanha-do-pará, pau-cravo e urucum, entre outros. Da Alemanha, importavam tecidos, móveis, pianos, ferramentas, brinquedos. Além dos comerciantes, contudo, é necessário acentuar como de não menor importância o estabelecimento de mercenários alemães no Rio de Janeiro. Após a dissolução dos batalhões dos mesmos, grande parte dos soldados rumou para as colônias entrementes estabelecidas no Brasil, como Nova Friburgo e São Leopoldo. Houve os que passaram a ter existência miserável, outros, porém, tornaram-se artesãos, estabelecendo-se no Rio de Janeiro como marceneiros, ourives ou construtores. Houve aqueles que se tornaram professores de línguas. Não poucos também nos legaram obras hoje estudadas sobre o Brasil de então. Mencione-se aqui Weech, Seidler, Bösch e Schlichthorst. O que chama a atenção nessa “colônia” de alemães do Rio de Janeiro é a desproporção entre homens e mulheres. Havia 21.000 homens a mais do que mulheres. Os alemães do Rio de Janeiro têm dificuldade em encontrar parceiras para eventual casamento.

Além das funções comerciais e diplomáticas dos comerciantes devem ser mencionadas sua decidida participação na fundação de associações laicas e religiosas, centros de convivência da colônia alemã. Fonte inesgotável para o estudo do Brasil oitocentista é a publicação dos Irmãos Laemmert (Eduardo e Henrique), conhecida como Almanaque Laemmert, ou *Almanach Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*. Estabeleceram-se no Rio

de Janeiro a partir de 1827 como representantes de empresa francesa e, a partir de 1833, por conta própria como “Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros e música”. No Almanaque Laemmert, ficamos sabendo de atividades femininas, não só masculinas. Houve viúvas que ficaram à frente dos negócios da família, como padaria ou salsicharia (Pfalzgraff e Treuffer). De grande importância para a sociabilidade da colônia alemã foi a Sociedade Germânia (1821), com seus sócios-fundadores Stockmeyer, Hasenclever, Braun, Fröhlich, Dau, Braun e a Sociedade Alemã de Beneficência (1844). Essa última deve-se a uma iniciativa de Leo Theremin, cônsul-geral da Prússia, que viu a miséria de viúvas, órfãos e doentes na comunidade de falantes de língua alemã na cidade. Em sua iniciativa, recebeu a colaboração de comerciantes alemães. As associações foram fundamentais para os imigrantes. Elas lhes permitiram sobreviver em país que tinha tradições opostas às suas. Já em 1821, havia sido fundada no Rio de Janeiro a Sociedade Filantrópica Suíça, para atender às necessidades dos suíços instalados em Nova Friburgo. Guilherme Theremin tornou-se vice-presidente dessa associação. Com a vinda dos imigrantes alemães que permaneciam ou passavam pelo Rio de Janeiro, surgiu o problema relativo a viúvas e órfãos, quando do falecimento do chefe da família. Foi esse o motivo inicial da fundação da Sociedade Alemã de Beneficência, em 1844 (atual Sociedade de Beneficência Humboldt). Ela atenderia os alemães pobres. Auxiliava-os não só financeiramente, mas também procurava conseguir-lhes trabalho junto a proprietários de firmas alemãs. Os auxiliados eram idosos, viúvas e órfãos. A língua alemã era priorizada, motivo pelo qual, em meio a uma população majoritariamente luterana, assistia também calvinistas, católicos e judeus. Sua sede era a da Sociedade Germânia. A preocupação com as crianças alemãs pobres levou também à fundação da primeira escola alemã no Rio de Janeiro. Os filhos dos comerciantes eram enviados à Europa para obter educação formal. Já as filhas frequentavam escolas católicas ou escolas privadas (collegio alemão) de Madame Meyer, Carolina Hoffmann, Madame Diemer, Madame Knack. A Sociedade Beneficente Alemã fundou, em 1862, a Escola Alemã, hoje Colégio Cruzeiro.

Em 1837, um veleiro que se destinava à Austrália aportou no Rio de Janeiro. Com ele, temos o início da colonização de **Petrópolis**. Em decorrência dos maus tratos sofridos a bordo resolveram interromper a viagem, sendo levados pelo Major Koeler para trabalhar na construção da Estrada Normal da Serra. Esses imigrantes foram acrescentados em 1844 e 1845. A vinda desse segundo grupo deveu-se a uma iniciativa do governo da província que procurava por trabalhadores para

outras obras, mas eles acabaram sendo assentados em Petrópolis. Nos quarteirões de Petrópolis permanecem os nomes das regiões de origem dos colonos: Mosela, Palatinado, Renânia, Nassau, Bingen, Ingelheim, Siméria, Castelânia, Vestfália, Darmstadt, Worms e Woerstadt, etc. A contribuição da Ordem Franciscana foi significativa para o desenvolvimento cultural da cidade. Apesar do difícil início, Petrópolis pôde se desenvolver a partir da pequena propriedade familiar policultora e dos conhecimentos artesanais trazidos pelos imigrantes. Até hoje, existem empresas de origem alemã na cidade, como a fábrica de tecidos Werner. Sua tradição escolar logo se manifestou e contribuiu para se tornar um centro cultural de grande importância.

A mais antiga colônia recebeu o nome de Colônia Alemã de São Leopoldo, surgida a 25 de julho de 1824, com agricultores e artesãos. Essa data é considerada como o dia oficial da imigração alemã para o Brasil. Os imigrantes provinham dos territórios de Schleswig-Holstein, de Mecklemburgo-Schwerin, da Renânia e do vale do rio Mosela, e foram designados coletivamente de "Hunsrück". Hunsrück consiste em uma região montanhosa da Alemanha, e o termo se refere aos imigrantes dela provenientes, e é usado também para designar o dialeto falado na região. No Nordeste do Rio Grande do Sul, foram instaladas, já em 1826, as colônias de **Três Forquilhas** e **São Pedro das Torres**. No ano anterior, 1825, fora instalada no território das antigas reduções jesuíticas a Colônia **São João Batista**, a qual não obteve sucesso. Logo após a Guerra dos Farrapos (1835-1845), foi instalada a Colônia **Feliz** a Noroeste de São Leopoldo. A Leste de São Leopoldo, junto ao rio Santa Maria, surgiu a Colônia **Mundo Novo**, em terras de Tristão José Monteiro, em 1847. Sete anos antes, W. Winter fundara a Colônia **Porto das Laranjeiras**, depois Montenegro, com cem colônias, a Sudeste de São Leopoldo. Em 1856, Kochenborger e Moraes começaram a colonizar as terras junto ao **Maratá**, um afluente do rio Caí. A Leste da Colônia da Feliz, o cônsul francês Montravel estabeleceu colônia junto ao arroio Forromeco: **Nossa Senhora da Soledade**.

Em 1848, os governos provinciais foram autorizados a promover colonização e imigração. Resultou daí uma ampla política de colonização provincial. Em 1849, ao Norte da cidade de Rio Pardo, foi instalada a Colônia **Santa Cruz**. Os colonos eram provenientes da Renânia, mas, entre eles, já aparecem pomeranos e silésios. No curso superior do Jacuí, foi instalada outra colônia, em 1857, que recebeu o nome de **Santo Ângelo** e, posteriormente, Agudo. Os imigrantes provinham da Pomerânia, Saxônia e Renânia. Ao Norte de Santa Cruz, surgiu, por iniciativa do governo provincial, a Colônia **Monte Alverne**, em 1860.

No ano anterior, 1859, o governo imperial ordenou a instalação de nova colônia ao Norte de São Leopoldo, dando-lhe o nome de **Nova Petrópolis**. Os primeiros colonos eram pomeranos e saxões, depois boêmios.

Com a quantidade de colônias povoadas com imigrantes de língua alemã, logo teve início uma expansão de novas fronteiras agrícolas devido aos excedentes populacionais que surgiam. Aqui, merece ser mencionado o empreendimento fundado por comerciantes porto-alegrenses, com a designação de **Teutônia**, junto ao rio Taquari. Nela, além de excedentes populacionais de São Leopoldo, foram instalados imigrantes provenientes do território da Vestfália. A prosperidade nessas colônias deveu-se, principalmente, à existência de boas vias de escoamento, propiciadas pelos rios navegáveis, afluentes do Jacuí, que permitiam o envio dos produtos para Porto Alegre, de onde seriam redistribuídos. Nelas, surgiram pontos de referência para o que se pode designar de centros de cultura “alemã” no Rio Grande do Sul: Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Santa Cruz do Sul. Nestas localidades, surgiram os principais jornais em língua Alemã, editoras, centros de formação e associações.

Ao Sul do rio Jacuí, na Serra dos Taipes ou Tapes, Jakob Rheingantz fundou, em 1858, a Colônia **São Lourenço**. São Lourenço transformou-se na maior colônia privada do Rio Grande do Sul. Logo surgiram nas proximidades de São Lourenço uma infinidade de colônias menores.

No Planalto do Rio Grande do Sul, a colonização não se deu da mesma maneira que as colonizações ao longo do Jacuí e na Serra dos Tapes. Não podemos falar aqui de uma área de colônias com pessoas de língua alemã conectadas entre si. Assim, foram poucas as colônias que podemos caracterizar de “alemãs”. Há pluralidade no tocante à etnicidade. Especialmente a partir de 1880, começam a surgir colônias com a presença de alemães, italianos e poloneses. No entanto, a colônia mais promissora dos primeiros anos da República proclamada em 1889 foi a Colônia Ijuí, constituída como “núcleo colonial” no Planalto. Ali, predominaram poloneses e russos, mas também teuto-russos e austríacos. A Nordeste dessa colônia, foi fundada, em 1899, por Hermann Meyer & Cia, a Colônia Neu-Württemberg, mais conhecida como Panambi. A Oeste de Ijuí e **Neu-Württemberg**, próximo ao rio Uruguai, surgiu outra importante área de colonização. Em 1891, o governo estadual instalou ali as Colônias **Serro Pelado** e **Guarani**. Nessa última, foram instalados principalmente teuto-russos, descendentes de alemães que haviam sido levados por Catarina, a Grande para o território da Rússia. A Oeste de Guarani, a Associação de Agricultores Católicos (Sociedade

União Popular), colonizou território que recebeu a designação Serro Azul. Mais ao Norte, a Sociedade União Popular ainda fundaria **Boa Vista** e **Santo Cristo** (1912).

Mesmo não estando situadas nas colônias surgidas com a imigração alemã, algumas cidades do Rio Grande do Sul foram muito marcadas por imigrantes, principalmente artesãos, que se deslocaram das colônias para esses centros urbanos. Aqui, devem ser mencionadas as cidades de Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria.

Apesar de menção a muitas colônias surgidas a partir da imigração de falantes da língua alemã no Rio Grande do Sul, é muito difícil precisar seu número. Cálculos inexatos nos dizem de 250.000 falantes da língua alemã ingressados no Brasil até os anos 1920, dos quais a metade ter-se-ia instalado no Rio Grande do Sul.

Em **Santa Catarina**, a imigração de falantes da língua alemã teve início em 1828, com a chegada de 523 imigrantes do Palatinado e de Luxemburgo, estabelecidos em São Pedro de Alcântara. Logo seguiriam colônias em Angelina e Santa Teresa, no vale do rio Tijucas. Enquanto essas primeiras colônias foram de iniciativa imperial, as colônias surgidas em Santa Catarina deveram-se, majoritariamente, a iniciativas de particulares. Mencione-se aqui a Colônia Itajaí, instalada em 1860 por iniciativa do Barão Maximilian von Schneeberg, com 55 pessoas oriundas de Baden, Hesse e da Prússia Oriental. Essa colônia deu origem às cidades de Itajaí e Brusque, entre outras. Em terras do dote de Dona Francisca de Bragança, filha de D. Pedro I, quando de seu casamento com o Príncipe de Joinville, surgiria a Colônia Dona Francisca. Em 1849, parte do dote foi adquirido pelo Senador Christian Matthias Schröder, de Hamburgo, e colonizado com imigrantes do Norte, Nordeste da Alemanha, suíços e poloneses de língua alemã. Houve também migrantes do Sul da Alemanha (bávaros, suábios e badenses), teuto-russos e escandinavos. A partir de Joinville, surgiriam colônias em São Bento do Sul e Jaraguá do Sul. Em 1850, por iniciativa de Hermann Blumenau e associados, foi dado início à colônia que recebeu o nome Blumenau. Aos cerca de 250 imigrantes inicialmente recrutados por Hermann Blumenau aliaram-se migrantes de São Pedro de Alcântara. Os falantes da língua alemã que se instalaram em Blumenau vinham de regiões semelhantes às de Joinville: Schleswig-Holstein, Mecklemburgo, Saxônia, Brandemburgo, Silésia, Turíngia e Braunschweig. Seriam filhas da Colônia Blumenau as colônias que deram origem a Pomerode, Gaspar, Indaial e Rio do Sul, ao longo do rio Itajaí e afluentes. Já o Sul de Santa Catarina seria colonizado a partir de São Pedro de Alcântara e de colônias do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. O Oeste de Santa Catarina foi desbravado a partir da década de 1910 com excedentes de colônias alemãs do

Rio Grande do Sul, dando origem a colônias que vão de Palmitos a São Miguel do Oeste. Mondáí e Itapiranga, junto ao rio Uruguai, também formam colônias que têm sua origem nas migrações provenientes do Rio Grande do Sul. O modelo de colonização com imigrantes alemães em Santa Catarina seguiu, em grande medida, o modelo exercitado no Rio Grande do Sul. A grande diferença é que, entre um e outro modelo, há a diferença de gerações, o que resultou em níveis culturais e técnicos distintos. Também aqui a capital Florianópolis foi centro aglutinador de artesãos, ressaltando-se que o surgimento quase que simultâneo de diversos centros coloniais produziu, além de Florianópolis, outros centros aglutinadores, como Joinville, Blumenau e Chapecó-Concórdia.

A Província de [São Paulo](#), que, até o ano de 1853, também englobou o atual estado do Paraná, foi uma das primeiras a receber imigrantes falantes da língua alemã. Já mencionamos a presença de Hans Staden e de Heliodoro Eobano Hesse. A imigração continuada de falantes da língua alemã, contudo, acompanharia o fluxo havido nas demais províncias meridionais. Entre os anos de 1827 e 1829, diversos grupos de imigrantes de língua alemã são encaminhados para a província e instalados em Rio Negro, Cubatão, Itapecerica da Serra e Santo Amaro. O grupo de Santo Amaro e de Itapecerica da Serra foi marcado por tragédia envolvendo o veleiro Helena e Maria, acontecida nas costas da Inglaterra e envolvendo emigrantes do vale do rio Mosela e do Planalto do Hunsrück, e só recentemente estudada. Quando da partida apressada do veleiro, 169 emigrantes foram deixados para trás no porto de Amsterdam e só mais tarde trazidos pelo veleiro Alexander e assentados em Santo Amaro. Com a dissolução dos batalhões de estrangeiros, muitos soldados e oficiais alemães recrutados por Georg Anton von Schaeffer vão se estabelecer em São Paulo. Em 1837, o Major João Bloem traz 227 alemães para São Paulo, dos quais 56 ficam na Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema e 176 vão trabalhar na construção da estrada de Cubatão a São Paulo Capital. Em 1846 e 1849, 506 alemães e suíços chegam a São Paulo, contratados por fazendeiros no [sistema de parceria](#), sendo assentados principalmente na região de Limeira, no contexto rumoroso da Fazenda Ibicaba. Ali acontecerá uma rebelião liderada pelo mestre-escola Thomas Davatz que levará à publicação de uma obra na Confederação Helvética e ao envio por parte desta do Ministro Plenipotenciário Johann Jakob von Tschudi, assim como o ingresso de pastores luteranos que serão responsáveis pela criação de uma série de escolas (Limeira, Campinas, Rio Claro, São Paulo, Rocinha, atual Vinhedo). Nos anos seguintes, apesar das proibições do Rescrito de von der Heydt (1859), outros alemães se dirigiram a São Paulo, sendo

constatado que, ao final da década de 1840, havia cerca de 6.000 alemães na província. Esses imigrantes são responsáveis pelo surgimento de colônias em Ibicaba, Fazenda São Jerônimo (Cordeirópolis), Morro Azul (Iracemápolis), Fazenda Angélica (Americana), São José da Boa Vista, Bery, Morro Grande, Corumbataí, Joaquim (Rio Claro), Santo Antônio (Jundiá), entre outras. A colônia alemã da cidade de São Paulo surge a partir de artesãos e de pessoas que migram das colônias interioranas para a capital. Outra colônia importante surgiu em Santos, formada por pessoas ligadas ao porto. No Oeste de São Paulo, surgiram, mais tarde, colônias alemãs em Maracaí, como a Colônia Riograndense, e em Presidente Venceslau, como Quellental (Água da Colônia) e Aimoré, entre outras.

Quando da emancipação do **Paraná** (1853), já existia a colônia de Rio Negro. Ali haviam sido instaladas nas duas margens do rio Negro, em fevereiro de 1829, pessoas originárias da região de Trier, no Palatinado. Assim, esses pioneiros também deram origem à colonização com alemães em Santa Catarina, hoje designada de Mafra. Seguiram-se outros, naturais de Baden, Pomerânia, Holstein e da Prússia Oriental. Um dos imigrantes, Miguel Müller migrou para Curitiba, dando início a toda uma colônia, formada também e posteriormente por migrantes de ascendência alemã e suíça naturais de Joinville. Característica da colônia alemã de Curitiba é o fato de ela haver sido constituída por migração espontânea, sendo responsável por comércio e indústria. Muitos falantes do alemão também foram contratados para a construção de estradas. O fim dos direitos concedidos por Catarina, a Grande para alemães migrados para as regiões do Volga e da Volínia na Rússia provocou, por volta de 1877, a migração de muitos de seus descendentes para as Américas. Um número expressivo dirigiu-se ao Paraná, formando colônias em Lapa, Palmeira, Quero-Quero, Papagaios Novos, Ponta Grossa e Castro. Deles, não poucos também migrariam para Curitiba. A Revolução de Outubro de 1917 na Rússia provocaria nova onda de migrações de teuto-russos, com destaque para os menonitas que se estabelecem no bairro do Boqueirão, em Curitiba, mas também na localidade de Witmarsum, em 1951. Em 1929, chegou a Santa Catarina um grupo maior de menonitas e, mais tarde, em 1951, um grupo menor deles migrou para o Paraná e fundou a colônia de Witmarsum, em Palmeira. No município de Rolândia, estabeleceram-se, a partir de 1932, judeus alemães fugitivos da Alemanha nazista, alemães perseguidos pelo mesmo regime e descendentes das colônias do Rio Grande do Sul, como, por exemplo, as famílias Schauff, Koch-Weser, Maier, Kaphan e Nixdorf. Temos ali uma colonização privada, a Companhia de Terras Norte do Paraná. Em 1951, teve início a colonização de Entre Rios/Guarapuava com a vinda

de “Suábios do Danúbio”, provenientes da então Iugoslávia. Haviam deixado sua pátria, vivendo por sete anos em campos de refugiados na Áustria. Ao todo, 500 famílias se estabeleceram em Entre Rios/Guarapuava. Mas foi no Oeste e Norte do Paraná, em área que se estende de Capanema a Londrina, que companhias colonizadoras assentaram milhares de descendentes de falantes da língua alemã provenientes do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Espírito Santo. Muitos deles, posteriormente, tiveram que se deslocar para o Paraguai (“Brasiguaios”), quando as águas de Itaipu invadiram suas propriedades.

Em meados do século 19, teve início a colonização do **Espírito Santo** com falantes da língua alemã. A mais antiga colônia foi fundada em 1846 e instalada pelo governo provincial em Santa Isabel, com 38 pessoas oriundas do Principado de Birkenfeld, atual Renânia-Palatinado. Em 1852, já formavam um contingente de 150 elementos. Cada família recebeu propriedade de cerca de 50 hectares. Divergências religiosas levaram à transferência de famílias luteranas para Campinho, hoje Domingos Martins. Em 1854, foi fundada a colônia Rio Novo no Sul da Província, na qual estiveram presentes imigrantes oriundos da Suíça, Bélgica, Holanda, França, Itália, Alemanha e Áustria. A insalubridade e a falta de assistência médica levaram muitos a deixar a colônia, o que decorreu de uma iniciativa do major Caetano Dias da Silva. Por intermédio de Johann Jakob von Tschudi, a Sociedade Missionária de Basileia chegou a enviar um pastor para a colônia. Em 1856, foi fundada a colônia Santa Maria, mais tarde conhecida como Santa Leopoldina e, hoje, como Santa Maria de Jetibá. Para ela, foram transferidos alemães que haviam trabalhado no sistema de parceria em Ubatuba/SP. Em 1860, a colônia tinha 232 famílias, num total de 1003 pessoas, provenientes da Suíça (104), Hannover (04), Luxemburgo (70), Prússia (384), Baviera (10), Baden (27), Hesse (61), Tirol (82), Bélgica (08), Nassau (13), Holstein (13), Mecklemburgo (5), Saxônia (76), Holanda (126). Em seu romance *Canaã*, Graça Aranha reproduziu parte das misérias dessas populações, especialmente as humilhações a que mulheres foram submetidas pela administração. Em 1869, houve novo ingresso de imigrantes através de Porto Cachoeiro que foram assentados além de Santa Leopoldina, dando origem ao que depois seria designado de Santa Leopoldina II. Entre 1868 e 1874, cerca de 2.200 imigrantes vieram da Pomerânia, marcando de modo especial a imigração de falantes do alemão e de seus dialetos. Novas colônias foram surgindo em São João de Petrópolis, Santa Joana, Laranja da Terra, Guandu-Criciúma. Para essas últimas colônias, imigraram especialmente colonos oriundos da Pomerânia, território hoje pertencente à Polônia. Destaque-se que

o estado do Espírito Santo é a região em que o dialeto pomerano foi mais bem preservado no mundo.

Não foi pequeno o contingente de alemães encaminhado a **Minas Gerais**, em geral para atuar como agricultores em fazendas de café. Surgiram colônias em Mar de Espanha, João Pinheiro, Água Limpa, Álvaro da Silveira, David Campista, São José do Mantimento. Tiveram destaque, no entanto, as colônias de **Juiz de Fora e Teófilo Otoni**.

A Colônia alemã de Juiz de Fora surgiu a partir de iniciativa de Mariano Procópio Ferreira Lage de construir uma estrada de Petrópolis a Ouro Preto, passando por Juiz de Fora. Para executá-la, foi criada a Companhia União e Indústria. Para construir a rodovia, a Companhia contratou, na Alemanha, em 1853, diversos técnicos e, em 1856, devido à falta de mão de obra especializada, diversos mestres de ofício. Foi assim que a Companhia criada com a finalidade de construir uma estrada entrou na corrida colonizadora. Em 25 de abril de 1857, foi assinado um contrato para importar 2.000 alemães, que deveriam ser instalados em áreas de terras compradas para fins de colonização. Estas receberam o nome de Colônia D. Pedro II. Num total de 255 famílias com 1.100 pessoas, além de um total de 62 pessoas solteiras, os imigrantes provinham das seguintes regiões: Hesse, Tirol, Holstein, Prússia, Baden, Schleswig, Baviera, Württemberg, Hannover, Saxônia, Nassau, Braunschweig, Hamburgo, Mecklemburgo, Luxemburgo e Dinamarca.

No tocante a Teófilo Otoni, é necessário observar que o político liberal Theophilo Benedicto Ottoni planejara criar uma nova Província no Império, a qual abrangeria as comarcas de São Mateus, no Espírito Santo, Jequitinhonha e São Francisco, em Minas Gerais, e Caravelas e Porto Seguro, na Bahia. A capital dessa nova Província e centro de gravidade econômica da região seria a cidade que Ottoni planejava criar: Philadelphia. Para tornar possível a concretização do plano, Ottoni celebrou contrato com a empresa Morgenstern & Schlobach, de Leipzig, na Alemanha. Os primeiros colonos chegaram a 23 de julho de 1856, perfazendo um total de 1.031 pessoas. Eram suíços e “alemães”. Como continuava a faltar mão de obra, Ottoni recorreu à importação de presidiários de Potsdam. Como também esses imigrantes foram insuficientes e muitos se evadiram da colônia, Ottoni recorreu à Associação Central de Colonização, no Rio de Janeiro, que lhe enviou colonos suíços que haviam trabalhado em sistema de parceria em fazendas de café, na Província de São Paulo. Seguiram-se imigrantes vindos da França, Bélgica e Holanda, que foram assentados às margens do Rio Urucu, e ainda levas menores procedentes da Alemanha. Em fevereiro de 1858, viviam em todas as

colônias do Mucuri 1.013 pessoas e, no decorrer do mesmo ano, o número subiu para 1.768 indivíduos.

Entre os imigrantes de língua alemã, sempre houve **presença judaica** ou **israelita**. Contra todas as ideologias, deve ser afirmado que na imigração de falantes da língua alemã não houve apenas “arianos”. Já desde os tempos da província romana Germania, houve presença de israelitas na Europa Central. Ela se acentuou após a destruição do Templo quando os exércitos de Tito tomaram Jerusalém no ano 70 de nossa era. Há séculos, pois, a tradição judaica faz parte da história dos falantes da língua alemã. Ela experimentou períodos de tolerância e outros de intolerância e perseguição que levaram ao Holocausto do século 20. Entre imigrantes alemães chegados ao Rio Grande do Sul no século 19, por exemplo, não poucas vezes o quesito religião está preenchido com a expressão “israelita”. Em diversos cemitérios luteranos, encontramos pedras tumulares, nas quais está inscrita a Estrela de Davi. Do mesmo modo, diversas localidades na Colônia Alemã de São Leopoldo foram designadas de “Judengasse” (Ruela dos judeus/ gueto/judiaria). Como não havia quantidade suficiente de chefes de família judeus, não foi possível a formação de comunidades sinagogais. Judeus de língua alemã influenciaram a cultura de todo o mundo judaico. Basta lembrar os nomes de alguns judeus como Albert Einstein, Heinrich Heine, Felix Mendelssohn-Bartholdy, Hannah Arendt, Sigmund Freud e Karl Marx.

A política da Alemanha hitlerista em relação a judeus fez com que o Brasil se tornasse refúgio de judeus que puderam formar comunidades sinagogais, sociedades israelitas, ou de descendentes de judeus que, sem professar a fé judaica e por não serem considerados “arianos”, não tinham mais a possibilidade de viver em seu país. No Rio Grande do Sul, seu dialeto iídiche se fundiu com o hunsriqueano. Foi somente em 1934 que pôde surgir, em Porto Alegre, com uma Torá emprestada, na residência de Max Stobeski, a primeira congregação de judeus alemães. Sua história, contudo, está relacionada à emigração provocada pelos horrores do regime nazi-fascista. Dos cerca de 300.000 refugiados até 1939, cerca de 5% tiveram como destino o Brasil. A maioria desses refugiados do Holocausto foi morar em Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1936, foi fundada em Porto Alegre a Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA). No mesmo ano, em São Paulo, o Rabino Dr. Fritz Pinkuss fundou a Congregação Israelita Paulista (CIP), na tradição do Judaísmo Liberal Alemão. A Associação Religiosa Israelita (ARI) foi fundada no Rio de Janeiro, em 1942, após a chegada do rabino Dr. Henrique Lemle, no fim do ano de 1940.

No século 20, deixaram sua marca na literatura, nas artes, na ciência, na indústria. Mencione-se o austríaco Stefan Zweig, autor de *Brasil, país do futuro*, que visitou o Brasil três vezes e morou por alguns meses (1941 até 1942) em Petrópolis, e cuja casa ainda existe. Ernst Bernhoeft, tradutor de Dietrich Bonhoeffer, e Herbert Caro, tradutor de Thomas Mann, as artistas Gisela Eichbaum e Alice Brill Czapski, a fotógrafa Hildegard Rosenthal e Eva Sopher, diretora do Teatro São Pedro em Porto Alegre, entre muitos outros.

O século 19 alterou o papel e o **lugar da mulher** na sociedade. Rápido desenvolvimento da industrialização, diminuição do artesanato e o trabalho produtivo da mulher foi transferido do lar para a indústria. O setor agrícola expulsou a mulher, na Europa, da terra e a colocou à beira da estrada ou em casas de correção, forçando-a a emigrar com a família.

À mulher proletária restou a emigração. À agricultora expulsa da terra restou a emigração, desde que estivesse casada; a solteira podia emigrar, caso um homem a aceitasse como esposa. Entre os pequenos proprietários à beira da miséria, os homens reunidos em tavernas decidiam que emigrariam; as esposas empacotavam o que era possível, vestiam as crianças e partiam rumo ao desconhecido. Filhas da burguesia, não raro, encontraram abrigo nas ordens religiosas católicas ou luteranas.

As dificuldades que enfrentaram na travessia falam de partos difíceis nos navios, de algumas terem morrido, sido entregues ao mar ou terem a ele entregado seus bebês recém-nascidos. Outras perderam o esposo, chegando viúvas em terras brasileiras.

Uma vez no Brasil, dirigiram-se a pé até os locais em que seriam assentadas com a família. Quando tudo parecia chegar ao fim, eram levadas até a floresta subtropical e colocadas à beira de lotes em caminhos recém-abertos. Ali, erguiam abrigos, nos quais ficavam com o companheiro, os filhos e os animais, ouvindo à noite sons estranhos vindos da mata. Sozinhas ou em mutirão, enfrentavam a floresta, cortando cipós e vegetação rasteira em torno dos gigantes da mata. Posto o fogo, colocavam sementes na terra.

Não havia escola. Elas se tornam professoras e catequistas, parteiras. Foi do trabalho dessas mulheres que surgiram as vilas, escolas, catequese, maternidades, associações para contratar uma parteira. De onde tomaram dinheiro? Lei não escrita determinava que o dinheiro dos ovos e da manteiga era delas. Todas as atividades comunitárias de mulheres foram financiadas com ovos e manteiga!

E o lazer? Há muitas cartas de mulheres. As mulheres imigrantes eram

alfabetizadas! Mas, nas cartas, quase nada encontramos a respeito de seu lazer. Nos finais de semana, culto divino era lazer: cantar hino, ler Bíblia, dialogar. Quando possível, havia visita a uma vizinha. Na volta da visita, retornavam com mudas de plantas para a horta, o jardim e mais saberes. Bem mais tarde, haveria participação em corais, bailes, festas. No mais, a vida se resumia a trabalho, sempre com tripla jornada. E eram apenas consideradas “do lar”. A memória imigrante alemã no Brasil não existiria sem as mulheres imigrantes.

Além disso, temos a imigrante burguesa que, em sua maioria, imigrou com a família para as cidades e se dedicou ao lar e às atividades religiosas e sociais. Nesse grupo, também se destacam cientistas, como Emilie Snethlage, artistas, como Hilde Sinnek e Hilde Weber, escritoras, como Anna Brockes, filha do biólogo [Fritz Müller](#), Charlotte Wollermann Fischer, Margret Kuhlmann e Gertrud Gross-Hering, bem como educadoras, como Ina von Binzer ou Helene Stegner-Ahlfeld, entre outras.

Uma das características mais marcantes da história da imigração alemã no Brasil são as **escolas comunitárias e confessionais**. A tradição escolar alemã recebeu forte incremento no século 16, a partir da Reforma, com sua insistência junto às municipalidades e governos territoriais para que criassem e mantivessem escolas. Desde meados do século 17, haveria obrigatoriedade de frequência escolar nos territórios da Prússia, depois imitada pelos demais territórios. Não raro, padres e pastores assumiam a função de inspetores de ensino. A partir da tradição criada nos territórios de origem, as comunidades humanas estabelecidas nas picadas e tifas bem como nos centros urbanos criaram e mantiveram escolas. Surgiram escolas comunitárias que tiveram franco desenvolvimento até a instalação do governo de Getúlio Vargas (1930–1945). Suas medidas nacionalizadoras determinariam, progressivamente, o fim dessa iniciativa comunitária, mantendo-se, contudo, forte tradição de envolvimento comunitário em questões relativas à escola.

As escolas comunitárias constituíam-se nas picadas, mas também em centros urbanos como sociedades escolares com diretoria própria, responsável pela contratação do professor, estabelecimentos de conteúdos programáticos, construção e manutenção de prédios. As despesas de manutenção e o pagamento do professor eram cobertos pelos pais dos alunos com contribuições financeiras ou, em áreas rurais, em forma de horas de trabalho na terra pertencente à sociedade escolar. Dados relativos ao crescimento dessas escolas no Rio Grande do Sul nos dão conta de que, em 1850, havia um total de 24, em 1875: 99, em 1900:

301; em 1922: 787 e, em 1930: 939 escolas comunitárias. Majoritariamente, eram escolas unidocentes, nas picadas, mas havia entre elas também escolas de maior porte em diversas cidades. Merecem destaque os seminários para a formação de professores e professoras mantidos pela Companhia de Jesus e demais ordens religiosas católicas e pelas duas igrejas luteranas: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

Os professores ali formados, além daqueles originários do exterior, constituíram associações responsáveis pela publicação de material didático, casas editoras, periódicos próprios e caixas de aposentadoria e pensões.

A importância das escolas comunitárias e confessionais pode ser verificada no aspecto relativo à erradicação do analfabetismo. Nas áreas em que se instalaram imigrantes de língua alemã, praticamente inexistia o analfabetismo.

Hoje em dia, existem no Brasil cerca de 350 escolas públicas e particulares, bem como aprox. 60 universidades que oferecem o ensino do idioma alemão.

A imigração alemã trouxe profundas modificações no tocante à **religião**. Entre os imigrantes, havia católico-romanos, luteranos, reformados, batistas, anabatistas, menonitas e judeus, entre outros. No Brasil ao qual chegaram, havia expressões religiosas de culturas tradicionais, africanas, cristãs-novas, além do catolicismo de tradição lusitana. O país havia herdado o regime do padroado português, segundo o qual o chefe da Igreja Católica, religião oficial, era o imperador. Sua expressão maior se encontrava no catolicismo popular com “muita festa e pouco padre”. A imigração alemã quebrou com o exclusivismo religioso, mas trouxe questões relativas à liberdade religiosa e aos direitos civis. Sessenta por cento dos imigrantes eram “acatólicos”, isto é, não pertencentes à religião oficial, mas mesmo os 40% restantes tinham um catolicismo distinto daquele do Brasil. Os problemas para os não católicos logo ficaram evidentes no Rio de Janeiro, quando a Intendência teve que oficiar ao bispado, perguntando se haveria a possibilidade de “desbenzer” parte do cemitério para nele sepultar protestantes e judeus, então sepultados junto ao muro, do lado de fora. No restante do Brasil, a solução foi a instalação de duplicidade de cemitérios para católicos e luteranos. Nos últimos, também puderam ser sepultados judeus e maçons.

Enquanto os matrimônios católicos eram reconhecidos, o mesmo não acontecia com os das demais religiões. Seus matrimônios eram vistos como concubinato e seus filhos, tidos por filhos naturais. A questão só foi parcialmente solucionada em 1864.

O parágrafo 5 da Constituição do Império assegurava tolerância aos

“acatólicos” em casas sem forma exterior de templo, e o Código Criminal os penalizava em caso de descumprimento. Aos não católicos, ficaram proibidas cruzeiras, campanários e sinos em seus templos. Teve importância para os luteranos sua organização de Sinodos e, depois, em Igreja nacional.

Aos católicos, o catolicismo brasileiro causou estranheza. Muitos recusaram-se a confessar-se e a comungar com sacerdote nacional pela não observância do celibato. Optaram por construir capelas próprias e nelas celebrar “Andacht”, devocional, liderados por leigo. Só passaram a ter acompanhamento regular a partir de 1848, com a chegada de sacerdotes jesuítas. Fato similar aconteceria nas demais províncias, com a chegada de outras ordens religiosas provenientes da Alemanha. Nas áreas de imigração, logo passaram a ser instalados seminários menores e maiores, nos quais se formaria parte significativa do clero católico brasileiro, dando início à Restauração da Igreja Católica no Brasil.

Foi significativa a participação alemã na **imprensa**, e quase nada poderíamos relatar sobre a imigração alemã sem os **escritores**, tanto os acadêmicos quanto os literários. Tudo começa com a obra de Hans Staden e sua “História Verdadeira...”, publicada em 1557 em Marburgo. Mais importante para a preservação da memória imigrante serão outras categorias. 1. Obras buscaram caracterizar o Brasil como *Auswanderungsland*, um país de imigrantes, como, por exemplo: Hörmeyer, Ihering, Jannasch, Aldinger, Decker. 2. Depois, temos aquelas trazidas por jornais europeus, como: *Allgemeine Auswanderzeitung* (Rudolstadt 1846–1871), *Deutsche Auswandererzeitung* (Bremen 1851–1875); *Der Auslanddeutsche* (Stuttgart), *Export* (Berlin); *Deutsche Erde* (Gotha), *Deutschtum und Ausland* (Münster). 3. São uma categoria especial os livros de viajantes que visitam as colônias no século 19, como os de Johann Jakob von Tschudi (1866/69), Robert Avé-Lallemant (1859) e Oskar Canstatt (1877). Há também obras semelhantes no século 20, como as de Lacmann (1906), Dettmann (1935), Koehler (1924) ou Hoffmann-Harnisch (1938). Estas últimas estão preocupadas com a terra e a gente. 4. Outras obras vão estar preocupadas com a preservação da germanidade, como, por exemplo: Wagner (1881), Zöller (1883), Stutzer (1886), Gernhard (1900), Grube (1920), Kolass (1931). A mais importante delas é a de Hugo Zöller, *Das Deutschtum im brasilianischen Urwald* [A germanidade na floresta brasileira] (1883). 5. Têm uma característica peculiar as obras que trazem experiências de antigos colonos, como Prestien (1859), Therese Stutzer (1889), Gustav Stutzer (1886, 1887, 1913), Ammon, Leyfer (1902), Westphal (1924), Freeden (1936). As obras acentuam o pioneirismo dos colonos, sempre em torno da palavra *Urwald* (floresta).

6. Não são muitas as obras autobiográficas. Algumas manuscritas encontram-se no Instituto Martius-Staden, em São Paulo. Mas há biografias importantes sobre Hermann Blumenau, Karl von Koseritz, Fritz Müller, Wilhelm Rotermund, Hermann Faulhaber, Hermann Dohms, Johann Daniel Hillebrand, Jacob Rheingantz, Karl Heinrich Oberacker, Johann Jacob Zink, entre outros. 7. São inúmeras as publicações comemorativas sobre Sociedades de Caça e Tiro, Sociedades de Cantores e Ginástica, Escolas, Templos, Clubes, Empresas. 8. Há publicações relativas aos 25, 50 ou 100 anos da fundação de colônias. 9. Publicações comemorativas da imigração alemã no Brasil: Amstad, Entres, Fugmann, Fouquet, Brepohl, Petry, Grützmann e Dreher, entre outras. 10. Ultimamente, tem surgido muitas publicações de caráter genealógico, como Wolff e Hunsche. 11. Pelo fato de a Igreja Luterana ter estado ligada à imigração alemã, há uma série de autores que devem ser mencionados: Rotermund, Dedekind, Ferd. Schröder (1930, 1936), Erich Fausel (1936), Martin Dreher (1984), Joachim Fischer, Warth, Hunsche, W. Steyer, Klug. 12. Mais de sessenta jornais foram publicados nas colônias alemãs: *Der Colonist*, jornal mais antigo de 1852 (Porto Alegre/RS), *Deutsche Zeitung* (Porto Alegre/RS), *Koseritz Deutsche Zeitung* (Porto Alegre/RS), *Deutsches Volksblatt* (São Leopoldo; Porto Alegre/RS), *Deutsche Post* (São Leopoldo/RS), *Deutsche Zeitung* (São Paulo/SP), *Germania* (São Paulo/SP), *Kolonie* (Santa Cruz do Sul/RS), *Der Urwaldbote* (Blumenau/SC), *Kolonie-Zeitung* (Joinville/SC), *Deutsche Minas Zeitung* (Belo Horizonte/MG), *Der Kompass* (Curitiba/PR), *Deutsche Rio Zeitung* (Rio de Janeiro/RS), etc. 13. Também o número de Almanques foi expressivo: *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (RS), *Koseritz Deutscher Volkskalender* (RS), *Serra-Post Kalender* (RS), *Blumenauer Volkskalender* (SC), *Uhle's Kalender* (SP), *Curitybaner Deutscher Volkskalender* (PR), *Deutsch-brasilianischer Volkskalender Hoffmann* (RJ), etc.

Além disso, existiram muitos(as) [escritores\(as\) literários\(as\)](#) que publicaram suas obras em alemão, como Elly Herkenhoff, Ernst Niemeyer, Wilhelm Rotermund e Wolfgang Ammon, entre muitos outros. Diversos desses textos foram publicados nos almanques da época.

Nenhuma dessas publicações teria sido possível sem as gráficas e editoras alemãs, como Rotermund, Seckler, Weiszflog, Laemmert, Schrappe, entre outras.

A **industrialização** das áreas de imigração alemã é peculiar. Nela, temos presença expressiva de capital comercial, possibilitado pela comercialização de produtos originários das picadas, que eram uma forma de organização social. Inexistiam capitais, trabalhadores livres assalariados, mercado consumidor. Essas

características só surgirão na segunda metade do século 19 e foram marcadas pelos imigrantes, expulsos da Europa pelo processo de industrialização e destruição do artesanato. Com a emigração, o Brasil recebeu artesãos que foram inseridos num contexto de transição econômica, da economia baseada no trabalho escravo para a economia baseada na mão de obra livre, orientada para o mercado interno. Instalados nas picadas, os imigrantes desenvolveram uma agricultura de subsistência em pequenas propriedades, valendo-se da mão de obra familiar. Os excedentes da produção eram vendidos no mercado regional e, desde a década de 1860, no mercado nacional. Como aproximadamente 60% dos imigrantes eram artesãos, continuaram a desenvolver seu ofício ao lado da agricultura. Uma vez que os produtos agrícolas estavam subordinados ao capital comercial, o vendeiro foi aquele que se apropriou do excedente econômico da picada. Sem seu capital, não haveria industrialização. A venda era a casa de comércio e forneceu três tipos de casas comerciais: rurais, intermediárias e grande comércio de importação e exportação nos centros maiores ou capitais. Seu capital permitiu o surgimento de empresas de pequeno porte que fabricavam banha, artigos de couro e cerveja.

Tiveram destaque os empreendimentos surgidos a partir do comércio intermediário, localizado em núcleos centrais que redistribuíam produtos, obtendo maior acumulação de capital. Deles puderam se originar importantes empresas.

Nas capitais e cidades maiores, para onde convergiam os produtos das picadas e pôde acontecer maior acumulação de capital, passou a acontecer triangulação: mercadorias iam delas para o interior e delas vinham, inicialmente pelos rios ou ao longo deles, o que deu origem a diversas companhias de navegação.

Foi nas áreas de imigração que teve início o processo de industrialização do Brasil. Houve casos em que o comerciante aplicou seu capital na montagem de empresa industrial, surgindo a fábrica manufatureira. Em outras situações, a unidade artesanal evoluiu para empresa. Houve também casos em que o imigrante trouxe consigo capital e experiência profissional e de gestão. Depois, houve capital bancário que possibilitou a formação de empresas, pois comerciantes e indústria participaram da constituição de bancos, onde aplicavam seus capitais.

O trabalhador livre foi fornecido pela área colonial, absorvendo excedentes populacionais que logo se formaram, mas não podemos esquecer que as sucessivas ondas de imigração trouxeram pessoas que já antes haviam sido operárias qualificadas. Houve tecnologia importada por firmas importadoras e exportadoras. Houve desenvolvimento orgânico entre agricultura familiar e indústria. Nas áreas de charqueadas, os imigrantes souberam valer-se dos subprodutos das

mesmas: sabão e velas. Dos capitais investidos na colonização surgiram tecelagens e outras indústrias de propriedade de colonizadores.

Algumas empresas brasileiras que surgiram de imigrantes de língua alemã são, por exemplo, a Hering, a Hemmer, as cervejarias Antártica e Brahma, Weege, Porcelana Schmidt, Karsten, Döhler, Gerdau, Tupy e a WEG, entre outras.

Em São Paulo, a indústria surgiu a partir de setor de ponta: a exportação de café. No Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em outras áreas, a indústria surgiu a partir do capital acumulado e do setor voltado para o mercado interno. Teve menor poder de acumulação. No entanto, a primazia da industrialização no Brasil cabe à imigração alemã.

Com a imigração alemã, o Brasil ensaiou um **novo modelo agrícola** implantado no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo e, depois, exportado para outras porções do território brasileiro, mas também para Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile. Os pequenos municípios das áreas citadas têm sua origem numa forma de organização social denominada de picada. A designação pode ser substituída por linha, lajeado, travessa, travessão ou tifa. Picada é a forma básica de penetração da floresta subtropical, na qual se abriu com os instrumentos disponíveis vias, ao longo das quais foram sendo instalados imigrantes, em lotes de 75 e, depois, 50 ou 25 hectares. A geografia determinava o tamanho de cada uma das comunidades humanas que assim se formavam. Nos lotes demarcados, os proprietários abriam sozinhos ou em mutirão uma clareira, na qual era instalada a moradia e uma série de instalações complementares à sua sobrevivência: estrebaria, pocilga, paiol. Em pouco tempo, a picada passou a ser a orientadora da vida comunal. Nela, encontrava-se templo e escola, de acordo com as confissões religiosas às quais pertenciam os imigrantes, cemitério, espaço de preservação da memória comunal, residência do professor, padre ou pastor, salão de festas comunitárias. Cada picada ainda tinha uma casa comercial, ponto de conexão com o mundo exterior. Assim, a picada era autônoma, autossuficiente, se administrava e gerenciava, tendo quatro eixos fundamentais: religião, escola, agricultura, arte e diversões. Nas capelas e escolas, havia diretorias. Na terra de cada colono foi ensaiada policultura de plantas e animais. A venda ou casa comercial foi fundamental para o desenvolvimento da picada. Mas nela também havia ferraria, moinho, serraria, selaria, sapataria, funilaria, alambique, alfaiate. A família era célula básica para a produção. Do bem-estar da picada dependia o bem-estar das famílias. Foi, por isso, que se desenvolveu nela o sistema da *vizinhança* ("Nachbarschaft"), uma unidade formada por um grupo de moradores da picada

que se auxiliavam mutuamente na colheita, nas festividades e no luto, mas também em épocas de doença, quando era assumido inclusive o plantio da terra do vizinho doente. A picada era comunitária, cooperativa.

Foi a partir desse sistema que o sacerdote jesuíta suíço Theodor Amstad (1851-1938) conseguiu criar todo um sistema de cooperativas pelo Brasil afora, seguindo o sistema alemão “Raiffeisen”.

Os imigrantes de língua alemã mantiveram no Brasil sua **tradição de convivência social** por meio de clubes de lazer, recreativos e de colaboração mútua. A necessidade e o desejo de lazer e entretenimento resultaram na fundação de muitos clubes, como clube de canto, de tiro e de ginástica. Desde sua chegada, os imigrantes praticaram esportes (ginástica, esgrima, natação, pedestrianismo, etc. e, mais tarde, o futebol). Em busca de união, confraternização e solidariedade com os outros alemães, criaram uma rede social cujo objetivo principal era a preservação do patrimônio cultural dos imigrantes e de seus descendentes. As agremiações cuidavam de praticamente todas as áreas da vida social. As associações das igrejas visavam, sobretudo, a ajudar socialmente as pessoas necessitadas da comunidade e cuidavam também do desenvolvimento religioso e ético, do apoio à família e do auxílio espiritual, além de estimular o cultivo da vida social.

As festas e celebrações periódicas integravam o calendário das festividades durante o ano. Uma das festas mais típicas era o “Kerb” (Kirchweihfest – aniversário da igreja ou da paróquia), que existe em muitos municípios até hoje. Além disso, foram celebradas e mantidas as tradições religiosas típicas do Natal e da Páscoa e as celebrações como casamento e batismo, entre outras. O carnaval também fazia parte do calendário e era considerado um evento significativo da vida social dos imigrantes.

Outras datas comemoradas eram em homenagem aos imperadores Wilhelm I e Wilhelm II, Bismarck e Johann Ludwig Jahn (o “pai” da ginástica). Normalmente, essas festividades também recebiam uma edição festiva impressa (Festschrift) com toda a regulamentação e a descrição da festividade.

Não houve uniformidade social e cultural entre os falantes da língua alemã emigrados ao Brasil. Também as classes sociais, às quais originalmente pertenciam, não foram as mesmas. De início, foram pessoas expulsas de latifúndios por causa da mecanização da lavoura, que, por “vagamundearem” com a família, foram levadas a “casas de correção”. Outras não conseguiam sobreviver nas parcelas de terra herdada. A industrialização tirou de muitos artesãos seu ganha-pão. Houve soldados desmobilizados, mas sem perspectiva de

trabalho. Houve crises posteriores motivadas por questões políticas e econômicas, seguidas guerras, secas ou inundações. Houve famílias pertencentes à burguesia que perderam tudo. Houve também acadêmicos que não conseguiam espaço para o exercício de suas profissões. Ainda outros tiveram que deixar sua região de origem em virtude da mudança do regime político. A maioria migrou ao Brasil, tornando-se agricultores e exercendo paralelamente sua profissão. Tiveram, no entanto, acesso à terra, da qual puderam se alimentar, alimentar os seus e fundar nova sociedade. Suas parcelas de terra não poderiam alimentar seus filhos e netos, produzindo novas migrações.

No Rio Grande do Sul, os descendentes dos primeiros imigrantes e das gerações seguintes povoaram os vales dos rios tributários do rio Jacuí ou as regiões ao redor de São Lourenço do Sul. Depois, seguiram para o Planalto Riograndense e, logo, se encontravam no Oeste de Santa Catarina e Paraná. Em Santa Catarina, após povoarem o Sul do estado e os vales dos diversos braços do Itajaí e do rio do Peixe, os estabelecidos em Joinville migraram para os sertões de São Bento do Sul e para o Paraná, onde se encontrariam com os que migravam de Rio Negro/Mafra, em Curitiba. Os que se estabeleceram nas fazendas de café de São Paulo como meeiros migraram para centros como São Paulo, Campinas, Vinhedo. Os de Nova Friburgo e Petrópolis ocuparam áreas vizinhas. Os que haviam sido dirigidos para o Espírito Santo ocuparam o estado capixaba e porções de Minas Gerais. Aos poucos, todas essas migrações se encontraram, sempre em novas fronteiras agrícolas, no Brasil Central e na Amazônia. Entrementes, há migrantes saídos do Sul em Santa Helena, na Venezuela ou no Paraguai. As constantes migrações colocaram os outrora migrantes no cenário plural da população brasileira, exemplo de país que sabe acolher e integrar populações que preservam tradições e raízes, sem deixar de formar uma nação.

Assim como as migrações fazem parte do todo da história da humanidade, também o Brasil foi formado por migrantes. Seu território tem sido ao longo de sua história palco de constantes **remigrações**, das quais os falantes da língua alemã também participaram. Podemos observar isso nas migrações havidas no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Espírito Santo. Já a segunda geração dos que se estabeleceram na Colônia Alemã de São Leopoldo migrou para os vales dos afluentes do rio Jacuí e, posteriormente, para o Planalto do Rio Grande do Sul até as margens do rio Uruguai, onde se encontraria com os excedentes das colônias de São Lourenço do Sul e Pelotas. A segunda geração de Joinville migraria para Curitiba, São Bento do Sul, Massaranduba, Jaraguá do Sul e para São Paulo. Já os

que se assentaram em Blumenau povoariam o vale do Itajaí, juntamente com os da colônia de Itajaí e Brusque. Para o Oeste de Santa Catarina e do Paraná logo estariam migrando as terceiras e quartas gerações dos gaúchos e catarinenses que não se aquietariam ali, seguindo para o Oeste e Norte do Paraná. Após ocuparem todo o território do Espírito Santo, os capixabas falantes do alemão e, sobretudo, do dialeto pomerano, migraram para parte do território de Minas Gerais e, posteriormente, para Rondônia, onde se encontrariam com populações sulistas que, nesse meio tempo, haviam adentrado novas fronteiras agrícolas. Nessas constantes remigrações, entrementes encontramos descendentes de falantes da língua alemã além das fronteiras do Brasil. Se, porém, olharmos com atenção para histórias familiares, veremos que houve retornos, após gerações, para a Europa e migrações para a América Latina, América do Norte, China e Oceania.

Uma exposição sobre a imigração alemã no Brasil não pode deixar de mencionar os **dialeto do idioma alemão** que se fundiram e/ou se preservaram no Brasil. Eles continuam a existir ali onde houve maior concentração de imigrantes. Merecem destaque: 1. O dialeto comum no Planalto do Hunsrück (Palatinado) e Hesse que, genericamente, é designado de hunsriqueano. Ele continua presente nos vales dos Sinos, do Caí, no Planalto do Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina e do Paraná, mas também na região em torno de Domingos Martins, no Espírito Santo. 2. É decorrente da grande quantidade de imigrantes a preservação do dialeto pomerano presente em São Lourenço do Sul e região, além de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Sua presença é destacada na região de Blumenau, com destaque para Pomerode, em Santa Catarina. Onde, contudo, sua presença é mais destacada é no estado do Espírito Santo, de onde foi levado por remigrantes para Rondônia e onde se tornou língua oficial de diversos municípios, como Vila Pavão e Santa Maria de Jetibá, que tem até mesmo uma estação de rádio em pomerano, a Pomerisch Radio. A PEC 11/2009, aprovada em 2011, incluiu a língua pomerana no artigo 182 da Constituição Estadual como patrimônio cultural do Espírito Santo. 3. No vale do Rio Taquari, preservou-se entre descendentes de imigrantes provenientes da Vestfália o dialeto próprio da região de Tecklemburgo, ali conhecido como "sapato de pau". 4. Grupos como os menonitas ou os suábios do Danúbio mantiveram dialetos próprios. 5. Na região de Santa Rosa/RS e na região de Palmitos/SC, encontramos resquícios do alemão outrora falado nas regiões do Volga e da Volínia. Como a língua é dinâmica, os dialetos alemães e mesmo o alemão padrão receberam influências do português. Houve também trocas, pois boa parte do Brasil hoje saboreia

“cucas” ou “cuquis”, corruptela da palavra alemã “Kuchen” (bolo), complementa seu pão com “Schmier”, expressão do Hunsrück para o doce de frutas, ou com “chimia/Keschmier/Keschimia” (queijo quark).

Atualmente, cerca de 117.000 brasileiros aprendem o alemão, e entre 1 e 2 milhões falam o alemão padrão e seus dialetos.

O ingresso de muitos imigrantes alemães em decorrência da crise provocada pela Primeira Guerra Mundial encontrou campo fértil para a **ideologia nacional-socialista** no Brasil. Na década de 1930, houve formação de células integralistas e nazistas. Deixaram de existir oficialmente em 1938, quando o Estado Novo proibiu a existência de partidos políticos. Jamais, porém, nos anos posteriores, foram trabalhadas as influências deixadas pela ideologia nazifascista, o que permitiu a ela que continuasse sempre aflorando. A primeira célula nacional-socialista surgiu no Rio de Janeiro. Nos demais estados, sua presença pode ser constatada desde 1931. Em São Paulo, estava a central brasileira, a “NSDAP-Landesgruppe Brasilien”, em torno da qual se agregavam os demais distritos: Norte, Centro, São Paulo-Paraná (com o maior número de membros e simpatizantes no país), Santa Catarina. Organizada em 1934, era dirigida por Hans Henning von Cossel e estava subordinada à “Auslandsorganisation” (Organização para o Exterior) do NSDAP. Nos núcleos, eram realizadas recepções a enviados alemães, reuniões oficiais do partido, palestras abertas à comunidade, exibidos filmes e documentários. Eram mantidas livrarias com publicações nazistas, e as instituições alemãs no Brasil (escolas, igrejas, clubes, associações, etc.) foram centralizadas à força pelo partido nazista. Houve também jornais como *Für's Dritte Reich. Nachrichtenblatt der Nationalsozialistischen Bewegung Deutschlands für Parteigenossen und Freunde* ou mesmo o *Deutscher Morgen: Aurora Alemã*, publicado entre 1932 e 1941. Houve também calendários de comemorações nazistas, como, por exemplo, o *Volk und Heimat*. Comemorava-se o 30 de janeiro, dia da ascensão de Hitler ao poder, 1º de maio como dia do trabalhador alemão, entre outras datas. Jovens foram reunidos na *Juventude Hitlerista*. O nacional-socialismo teve grande participação entre os luteranos, igreja na qual as discussões internas do protestantismo alemão tiveram grande impacto, que se manifestou por meio de organizações como Pastorado Nacional-socialista, Teuto Cristãos do Brasil e *Grupo de Trabalho da Igreja Confessante*. Este último grupo fazia forte oposição ao nazismo. Assim como o nacional-socialismo, que também teve forte penetração entre católicos, o integralismo também teve grande número de adeptos. Os primeiros núcleos foram fundados em 1934, havendo inclusive

publicação integralista em língua alemã: *Der Kampf* [A luta], tendo como divisa a formulação “por Deus, pátria e família”, que retornaria no século 21. Com o Estado Novo e a entrada do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, muitos nacional-socialistas e integralistas teutos foram presos e colocados em campos de concentração, mesmo sem culpa formada. Outros puderam continuar cultivando sua ideologia, sem serem processados.

Os anos da Segunda Guerra Mundial significaram não só a interrupção de relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha, mas também o fim das relações comerciais e culturais. Internamente, clubes de alemães e descendentes, mas também suas escolas e hospitais tiveram as atividades encerradas ou seus bens confiscados. **Após a Guerra**, já em 1946, foi fundado em São Paulo o periódico *Deutsche Nachrichten*, como continuação do jornal *Deutsche Zeitung*, e as comunidades de língua alemã no Brasil dão início à ação Socorro à Europa Faminta que, 8 semanas após o fim da Guerra, envia as primeiras 92 toneladas de alimentos e produtos têxteis à Alemanha. Até 1948, foram enviadas 4226 toneladas de arroz, feijão, milho, óleo vegetal, chocolate, cobertores. No mesmo ano, é criada a Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, em São Paulo. Em 1949, no Parlamento brasileiro, são lembrados os 200 anos do nascimento de Goethe e, no ano seguinte, 1950, os 200 anos da morte de Johann Sebastian Bach. Em 1951, o Brasil recebe o primeiro embaixador alemão, Fritz Oellers, no pós-guerra, e Luiz Pereira Ferreira de Faro Jr. torna-se embaixador brasileiro na República Federal da Alemanha. Também a República Democrática da Alemanha estabelecerá relações diplomáticas. Em Porto Alegre, é fundada a Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. Nos anos seguintes, serão retomados os intercâmbios de catedráticos e de estudantes. Logo haverá, também, forte transferência de tecnologia e capital alemão e novo incremento nas relações comerciais entre o Brasil e a Alemanha. Assim, em 1953, chega ao Brasil a Volkswagen, em São Paulo, com a primeira fábrica aberta em 1959. Em 1956, ocorre a fundação da Mercedes-Benz do Brasil. Algumas empresas alemãs já existiam antes da Guerra no Brasil, como, por exemplo, a Siemens e a Bayer. Nas décadas seguintes, muitas empresas alemãs se estabeleceram no Brasil, como Mannesmann, BASF, Nivea, Degussa, ThyssenKrupp, Bosch, Stihl, Kärcher, Melitta, Henkel, Voith, Mahle, SAP, Faber-Castell, Dr. Oetker, Dafiti, Allianz, Hochtief e Continental, entre outras. No mesmo ano, começa a ser publicado pelo Instituto Hans Staden o *Staden-Jahrbuch (Beiträge zur Brasilkunde)*. Os intercâmbios culturais, acadêmicos e econômicos alcançam sempre maiores avanços. Os estudos sobre a imigração de falantes da língua alemã no Brasil

puderam ser reiniciados pelo francês Jean Roche e continuados a partir das comemorações do Sesquicentenário (1974) por autores brasileiros, como Karl Heinrich Oberacker Jr. e Karl Heinrich Hunsche, nos Seminários Internacionais de Imigração e Colonização promovidos pelo Instituto Histórico de São Leopoldo e por Cursos de História de universidades brasileiras, especialmente nos Programas de Pós-Graduação em História.

Desde os anos 1990, o fluxo migratório entre os dois países se inverteu. Atualmente, cerca de 160.000 brasileiros vivem na Alemanha, com dupla cidadania, e aprox. 56.000 só com nacionalidade brasileira, número que aumenta cada vez mais.

As **relações atuais** entre o Brasil e a Alemanha são particularmente estreitas e têm por base uma confiança mútua. Prova disso são as visitas diplomáticas recíprocas. O Brasil é o único país da América Latina com o qual a Alemanha mantém uma parceria estratégica. A cooperação abrange os setores de energia, meio ambiente, clima, ciência, economia e comércio, defesa, cultura, trabalho, assim como os assuntos ligados aos direitos humanos, e é especialmente próxima no que diz respeito à proteção das florestas tropicais, dado o envolvimento da Alemanha no Fundo Amazônico. Nesse sentido, um exemplo importante de pesquisa conjunta é a torre ATTO, na floresta amazônica, que, inclusive, foi construída com esforços mútuos.

O Brasil é também o parceiro comercial mais importante da Alemanha na América do Sul. Existem mais de 1.000 empresas alemãs de diferentes setores no Brasil, que colaboram para o progressivo desenvolvimento econômico de ambos os países.

O dia 10 de julho de 1951 foi a data que marcou o estabelecimento das relações diplomáticas bilaterais.

Referências bibliográficas

Listadas por painel da exposição

Painel 2

REUTER, Astrid; BRECHTKEN, Magnus; LUDWIG, Frieder; DALLMANN, Hans-Ulrich. Art. Migration. In: BETZ, Hans Dieter et alii (ed.) **Religion in Geschichte und Gegenwart. Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft**, 4. ed., v. 5. Tübingen: Mohr Siebeck, 2002, p. 1215–1221.

Painel 3

OIM (Organização Internacional para as Migrações. **Relatório mundial sobre migrações 2022 (World Migration Report 2022)**. Genebra: IOM, 2022.

Painel 4

BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: A América Colonial I, v. 1**, 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
OBERACKER JR., Carlos H. **A contribuição teuta à formação da nação brasileira**. Rio de Janeiro: Presença, 1968.

Painel 5

BITELLI, Marcos Alberto Sant'Anna. **Imperatriz Leopoldina: um grito de independência**. São Paulo: Instituto Martius–Staden, 2022.
OBERACKER JR., Karl H. **Kaiserin Leopoldine. Ihr Leben und ihre Zeit (1797–1826)**. São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1980.
OBERACKER JR., **Carlos Henrique. Jorge Antônio von Schaeffer, criador da primeira corrente emigratória alemã para o Brasil**. Porto Alegre: Metrópole, 1975.

Painel 6

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Segunda edição completa, revisada e atualizada**. São Leopoldo: Oikos, 2022.
SUDHAUS, Fritz. **Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Jahrhundert**. Hamburg: Hans Christians Druckerei und Verlag, 1940.

Painel 7

DREHER, Martin N. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul. Esquecimentos e lembranças**. 3. ed. Revista. São Leopoldo: Oikos, 2019.

Painel 8

AULER, Guilherme. **A Companhia de Operários 1839–1843. Subsídios para o estudo da imigração germânica no Brasil**. Recife: Arquivo público estadual, 1959.

SILVA, Maria Helena Chaves. **Vivendo com o outro: Os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.

Painel 9

HINDEN, H. **Deutsche und Deutscher Handel in Rio de Janeiro. Ein hundert-jähriges Kulturbild zur Zentener Feiertage der Gesellschaft „Germania“ (1821–1921)**. Rio de Janeiro: Hoepfner & Co, 1921.

Instituto Histórico de Petrópolis. **150 anos da colonização alemã em Petrópolis**. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1995.

LENZ, Sylvia Ewel. **Alemães no Rio de Janeiro. Diplomacia e negócios, profissões e ócio (1808–1866)**. Bauru: EDUSC, 2008.

NICOULIN, Martin. **A gênese de Nova Friburgo: Emigração e colonização suíça no Brasil (1817–1827)**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

Painel 10+11

MÜGGE, Erny e DREHER, Martin N. (Orgs.). **Os primórdios da Colônia Alemã de São Leopoldo. Reprodução fac-símile da revista do Archivo Publico do Rio Grande do Sul – 1924, com relatos de João Daniel Hillebrand e outras personalidades**. São Leopoldo: Oikos, 2023.

RAMBO, Arthur Bl. **Duzentos anos de imigração alemã no Brasil**. Flagrantes. São Leopoldo: Oikos, 2023.

SCHRÖDER, Ferdinand. **A imigração alemã para o Sul do Brasil até o ano de 1859**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

Verband Deutscher Vereine. **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul. 1824–1924**. Trad. Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

Painel 12

ENTRES, Gottfried (org.). **Der Staat Santa Catharina in Vergangenheit und Gegenwart unter besonderer Berücksichtigung des Deutschtums**.

Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina. Florianópolis: Livraria Central – Alberto Entres & Irmão, 1929.

RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau.** Florianópolis e Blumenau: UFSC e FURB, 1992.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim, um estudo de desenvolvimento econômico.** Porto Alegre: Movimento, 1974.

Painel 13

DREHER, Martin N. **Dez dólares e a bênção de Deus. Uma biografia documentada. Vida e obra do pastor Johann Jacob Zink.** São Leopoldo: Sinodal, 2019.

FAUSER, Hildegard Werle. **Die Grumbiern wie ein Kopp so groß. Die Einwanderung aus dem deutschsprachigen Raum in den Staat São Paulo.** São Paulo: Selbstverlag, 1999.

HEFLINGER JR., José Eduardo. **A Revolta dos Parceiros na Ibicaba.** Limeira: Unigráfica, 2009.

KARASTOJANOV, Andrea Mara Souto. **Vir, viver e talvez morrer em Campinas.** Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SCHAUREN, Décio Aloiso e HÜTTENBERGER, Friedrich. **A lenda do veleiro Cécilia.** São Leopoldo: Oikos, 2020.

SCHRÖDER, Ferdinand. **Brasilien und Wittenberg. Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien.** Berlin e Leipzig: Walter de Gruyter, 1936.

SIRIANI, Sílvia Cristina Lambert. **Uma São Paulo alemã: vida cotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889).** São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

Painel 14

ESTEICHE, Paulo. **Mathias Leh: um olhar para o futuro.** Florianópolis: Lagoa, 2013.

FUGMANN, Wilhelm. **Die Deutschen in Paraná. Das deutsche Jahrhundertbuch.** Curitiba: Olivero, 1929.

MAINKA, Peter Johann. **Roland und Rolândia im Nordosten von Paraná.** São Paulo: Cultura Acadêmica e Instituto Martius-Staden, 2008.

VITEK, Harto (org.). **Imigração alemã no Paraná, 180 anos: 1829-2009.** Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2011.

Painel 15

ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Espírito Santo.** São Paulo: DIFEL, 1963.

RÖLKE, Helmar. **Raízes da imigração alemã. História e cultura alemã no estado do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

Painel 16

DREHER, Martin N. Imigração alemã e protestantismo em Minas Gerais, ao longo do século XIX. In: **Rhema**, v. 4, Nº 16, 1998, p. 77-104.

WEYRAUCH, Cléia Schiavo. **Pioneiros alemães de Nova Filadélfia. Relato de mulheres**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

Painel 17

BLUMENTHAL, Gladis Wiener. **Em terras gaúchas. A história da imigração judaico-alemã**. Porto Alegre: SIBRA, 2001.

GUTFREIND, Ieda. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul**. Da memória para a história. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

Painel 18

DREHER, Scheila dos Santos. **“O pontinho da balança”. História do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no Sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público**. Dissertação de mestrado. Faculdades EST São Leopoldo, 2008.

LERMEN, Gisela Büttner. **História de mulheres católicas alemãs imigrantes no Sul do Brasil (1824-1939)**. São Leopoldo: Oikos, 2022.

RENAUX, Maria Luiza. **O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí, 1850-1950**. Blumenau: Editora da FURB, 1995.

Painel 19

ARENDE, Isabel Cristina. **Educação, religião e identidade étnica: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

BLOGOSLAWSKI, Ilson Paulo Ramos. **Institutos teuto-brasileiros no Sul do Brasil. Formação de professores e o ideário moderno educacional para o país (1909-1938)**. São Leopoldo: Oikos, 2022.

DREHER, Martin N. **Breve história do ensino privado gaúcho**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994.

RAMBO, Arthur Blásio. **A escola comunitária teuto-brasileira católica, a associação de professores e a escola normal**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1996.

Painel 20

DREHER, Martin N. (org.). **Populações rio-grandenses e modelos de Igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

DREHER, Martin N. Wilhelm Rotermund. **Seu tempo – suas obras**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.

DREHER, Martin N. **A religião de Jacobina**. São Leopoldo: Oikos, 2017.

FLOS, Max. **Unsere Väter – nossos pais**. São Leopoldo: Rotermund, 1961.

KRAUSE, Henrique. **Sínodo Luterano no Brasil. História e confissão**. Blumenau: Otto Kuhr, 2023.

WIRTH, Lauri Emilio. **Protestantismus und Kolonisation in Brasilien**. Erlangen: Verlag der E.-Luth. Mission, 1992.

Painel 21

KUDER, Manfred. **Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien**. Berlin: Ibero-Amerikanisches Archiv, 1936/37.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão bibliográfica**. In: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, nº 25, 1988, p. 3-55.

Painel 22

DREHER, Martin N. O desenvolvimento econômico do Vale do Rio dos Sinos. In: **Estudos leopoldenses**. Série História, v. 3, nº 2, 1999, p. 49-70.

GANS, Magda Roswita. **Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

LAGEMANN, Eugênio. Imigração e industrialização. In: Barros, Eliane Cruxên et alii. **Imigração & Colonização**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 114-134.

Painel 23

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Segunda edição completa, revisada e atualizada. São Leopoldo: Oikos, 2022.

Painel 24

FORNECK, Elisandra, MAYER, Leandro e KERN, Gilvane (Orgs.). **Cooperativismo e associativismo em Santa Catarina no contexto da imigração alemã para o Sul do Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2022.

TRAMONTINI. **A organização social dos imigrantes**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

Painel 25

BOLLE, Willi; KUPFER, Eckhard E. **Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs**. São Paulo: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2013.

GRÜTZMANN, Irmgart; FELDENS, Jorge A.; DREHER, Martin N. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: recortes**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

Instituto Martius-Staden (ed.). **Viagem por uma São Paulo alemã**. Instituto Martius-Staden: São Paulo, 2009.

WIESER, Lothar. **Deutsches Turnen in Brasilien: Deutsche Auswanderung und die Entwicklung des deutsch-brasilianischen Turnwesens bis zum Jahre 1917 (Beiträge und Quellen zu Sport und Gesellschaft)**. Göttingen: Institut für Sportwissenschaften, Georg-August-Universität, 1990.

Painel 26

AHLERT, Lucildo. **Dicionário da língua westfaliana brasileira: história e contos. Westfália**: Edição do autor, 2019.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson e MORELLO, Rosângela (Orgs.) Hunsrückisch. **Inventário de uma língua do Brasil**. Florianópolis: Garapuvu, 2018.

TRESSMANN, Ismael. **Dicionário enciclopédico pomerano-português (Pomerisch-Portugiisch Wöirbauk)**. Vitória: Sodrê, 2006.

WALLAUER, Erno. **Dicionário hunsriqueano-português para os Bicentenários 1822-2022 e 1824-2024**. São Leopoldo: Oikos, 2024.

Painel 27

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

GERTZ, René E. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

MAYER, Leandro. **O retrato da repressão. As perseguições a alemães no Oeste de Santa Catarina durante o Estado Novo (1937-1945)**. São Leopoldo: Oikos, 2017.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. **Diplomacia, jogos políticos, intrigas e guerra. A relação entre Alemanha e Brasil (1937-1942)**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

Painel 28

100 anos Câmara Brasil-Alemanha – O futuro é a nossa tradição. São Paulo: AHK São Paulo, 2016.

BOLLE, Willi; KUPFER, Eckhard E. **Relações entre Brasil e Alemanha na época contemporânea**. São Paulo: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2015.

COSTA, Sérgio et. al. (eds.). **Brasilien heute**. 2. ed. Frankfurt: Vervuert, 2010.

Painel 29

RELAÇÕES BILATERAIS. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/embaixada-berlim/relacoes-bilaterais>. Acesso em: 24/11/2023.

REPRESENTAÇÕES ALEMÃS NO BRASIL. Disponível em: <https://brasil.diplo.de/br-pt>. Acesso em: 24/11/2023.

Legendas e créditos

BANNER 1

Praça Centenário, em São Leopoldo/RS, chamada de “berço” da imigração alemã no Brasil. O monumento foi inaugurado em homenagem aos 100 anos de imigração alemã, em 1924.

Instituto Martius–Staden

Família Bauermann, Rio Grande do Sul. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Família Vencovsky, de origem austríaca, na rua Augusto, São Paulo/SP.

Família Vencovsky

Família Stuhr, no Espírito Santo.

Edino Stuhr; Carlos Rominik Stur

Família Werner/Reisky von Dubnitz, em Petrópolis/RJ.

Família Reisky von Dubnitz

Família Gabler, em Recife/PE, 1934.

Família Fouquet

Família Brick, em Minas Gerais.

Helena Krueger; Carlos Rominik Stur

Família Metzler, em Porto Alegre/RS, 1917.

Instituto Martius–Staden

Família Scheliga, em São Paulo/SP, aproximadamente 1915.

Instituto Martius–Staden

Família Bürger, em Blumenau/SC.

Instituto Martius–Staden

BANNER 2

Migrantes de língua alemã a bordo de um navio, no fim do século 19.

Instituto Martius–Staden

Embarque de emigrantes no porto de Hamburgo.

Banco de Imagens do Carlota Schmidt Memorial Center

Imigrantes alemães viajando para Recife/PE a bordo do navio Antonio Delfino, 1936.

Família Fouquet

No convés de um navio de emigrantes.

Desenho de C. Offterding, 1873.

Deutsches Auswandererhaus Bremerhaven, Dauerleihgabe Initiativkreis Deutsches Auswandererhaus e. V.

BANNER 3

O mapa mostra os 281 milhões de migrantes divididos por continente, em 2020, com base no relatório da IOM UN Migration.

IOM UN Migration; Fabio Santana Silva

Colômbia. Venezuelanos continuam fazendo viagens perigosas em busca de refúgio.

UNHCR, fotógrafo Hélène Caux

A fuga do Norte da África para a Europa transformou o Mar Mediterrâneo em um grande cemitério, com os constantes naufrágios de embarcações que não apresentam condições mínimas de segurança. Resgate de migrantes no Mar Mediterrâneo com a "Operation Triton", em 2015.

Wikimedia; <https://www.flickr.com/photos/dfmagazine/18898637736/>

Irish Defence Forces

Emigrantes, de Hans Baluschek, 1924.

Märkisches Museum; Stiftung Stadtmuseum Berlin; Wikipédia

BANNER 4

Hans Staden; capa fac-similar do livro de Hans Staden (Wahrhaftige História/História verdadeira), primeira obra em alemão sobre o Brasil, que, mais tarde, inspirou a adaptação de Monteiro Lobato intitulada As Aventuras de Hans Staden; Ulrich Schmidl e capa do livro de Heliodoro Eobano Hesse.

Instituto Martius–Staden

Fazenda de Moritz von Nassau–Siegen, em Pernambuco. Nassau–Siegen foi governador da colônia holandesa na capitania de Pernambuco, no século 17. Obra de Zacharias Wagner, considerado o primeiro artista dos trópicos.

Instituto Martius–Staden

Aldeia de indígenas tapuios cristãos. Obra de Johann Moritz Rugendas, que acompanhou a expedição ao Brasil do barão Georg Heinrich von Langsdorff, de 1824 a

1829. Muitas aldeias foram fundadas pela Companhia de Jesus, a partir de 1685.

Instituto Martius–Staden

Frontispício do mapa de Johann Andreas Schwebel, engenheiro alemão na região do Amazonas, no século 18.

André Augusto da Fonseca

BANNER 5

Desembarque da princesa Leopoldina no Rio de Janeiro, em 1817. Desenho de J. B Debret.

Instituto Martius–Staden

Princesa Leopoldina da Áustria, esposa de D. Pedro I. Ela chegou ao Brasil acompanhada de uma comitiva de cientistas e artistas europeus, como os naturalistas bávaros Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix, que empreenderam a famosa Viagem pelo Brasil, de 1817 a 1820.

Colégio Visconde de Porto Seguro

Gravura da obra-prima Flora Brasiliensis, de Carl Friedrich Philipp von Martius, que pretendia catalogar todas as plantas brasileiras conhecidas à época. No total, são 15 volumes, divididos em 40 partes, com 22 mil espécies e 3.811 gravuras.

Flora Brasiliensis, CRIA

Etnólogo alemão Karl von den Steinen e seus colegas. Von den Steinen realizou a primeira expedição científica até as nascentes do rio Xingu, em 1884.

Instituto Martius–Staden

Antes da chegada da princesa Leopoldina, alguns alemães já haviam se aventurado pelo Brasil, como o engenheiro Daniel Pedro Müller e o governador de São Paulo, João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg, que realizou um censo sobre a hanseníase (lepra) na capitania, em 1820. Instituto Martius-Staden

Também merecem destaque Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen e Wilhelm Ludwig von Eschwege, ambos pioneiros da siderurgia e geologia, assim como o viajante Maximilian zu Wied-Neuwied, entre outros. Imagem da obra de Wied-Neuwied, publicada em 1820. Brasilien-Bibliothek der Robert Bosch GmbH

BANNER 6

Colheita no Palatinado. Hunsrück-Museum

Artesão cesteiro do Palatinado, em 1910. Friedrich Hüttenberger

Veleiros no porto de Hamburgo, entre 1890 e 1900. Library of Congress; Wikipédia

Fábrica de máquinas de Alfredo Borsig, em Berlim. <https://www.borsig.de/unternehmen/geschichte>

Prefeito: “Mas, pessoal, há alguma maneira de convencê-los a ficar aqui?”

Camponês: “Ah, sim, senhor prefeito, se o senhor for, daí nós ficamos.” Instituto Martius-Staden

BANNER 7

Passageiros alemães a bordo de um navio, saindo da Alemanha. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Viagem de Hamburgo para o Rio de Janeiro, em 1887. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Cartaz da transportadora marítima alemã Hamburg Süd, fundada em 1871. Instituto Martius-Staden

Passagem de 1923 da empresa Hamburg Süd, de Hamburgo até Santos, com parada no Rio de Janeiro. Museu da Imigração, São Paulo

A bordo de um navio de emigrantes, 1892. Deutsches Auswandererhaus Bremerhaven, Dauerleihgabe Initiativkreis Deutsches Auswandererhaus e. V.

Na cabine do meio em um navio de emigrantes. Desenho de B. Woltze, 1877. Deutsches Auswandererhaus Bremerhaven, Dauerleihgabe Initiativkreis Deutsches Auswandererhaus e. V.

Navio Provence, com imigrantes “suábios do Danúbio”. A travessia foi organizada pela Swissaid, depois de eles permanecerem

por sete anos em campos de refugiados na Áustria, após a Segunda Guerra Mundial. Museu Histórico de Entre Rios

BANNER 8

Fazenda Pombal na Colônia Leopoldina, no sul da Bahia, 1820. Com colonos suíços, franceses e belgas, focou no cultivo de café, com mão de obra escravizada. Brasiliana Iconográfica; Isabella Matheus. Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasiliana/Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007.

Estação ferroviária de Helvécia/BA (antiga Leopoldina), primeira colônia alemã do Brasil.

Instituto Martius–Staden

Anúncio da fábrica de charutos alemã Dannemann, na Bahia.

[CHARUTOS marca Az de Ouros]: Fabricados pelos afamados fabricantes Dannemann & Cia especialmente para os Snrs. Moreira e Cia. [S.l.: s.n.]. 1 rótulo, litograv., monocromático, 13,5 x 20,3cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1540684/icon1540684.jpg. Acesso em: 10 Nov. 2023. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1540684/icon1540684.html. Acesso em: 10 Nov. 2023

Anúncio da empresa alemã Suerdieck, fabricante de charutos na Bahia. SUERDICK: Maragogipe Bahia. [S.l.: s.n.],

[19--?]. 1 rótulo, il., mon.(marrom), 8,4 x 17,3cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1378852/icon1378852.pdf. Acesso em: 10 Nov. 2023

Clube Alemão de Pernambuco, em Recife, fundado em 1920.

<https://www.facebook.com/Bicentenariomigracaoalema/>

Foto de Alberto Henschel (à direita), de 1870, importante fotógrafo alemão que chegou a Recife/PE, em 1866.

Fundação Joaquim Nabuco

BANNER 9

A Colônia Suíça de Cantagalo, perto de Nova Friburgo, de J. B. Debret. Coleção Museus Castro Maya, IBRAM/MinC

Cartão-postal do Rio de Janeiro, vista a partir de Botafogo.

Instituto Martius–Staden

Clube Germania, no Rio de Janeiro. Em 1925, Albert Einstein visitou o Rio de Janeiro e o Clube Germania.

Sociedade Germania

Inauguração da nova sede da Escola Alemã, atual Colégio Cruzeiro, no Rio de Janeiro, em 1912, na Rua Carlos de Carvalho, onde se encontra até hoje.

Centro de Memória Colégio Cruzeiro

Imigrantes da família Winter, em Petrópolis/RJ.
Renato Winter; Clube 29 de Junho,
Petrópolis

BANNER 10

Imigrantes no Vale do Caí.
Instituto Martius–Staden

Mapa das colônias no Rio Grande do Sul, de
Dr. R. Jannasch, de 1898.
Instituto Martius–Staden

Nova Petrópolis.
Instituto Martius–Staden

Hotel Klumb e Farmácia Müller, em Santa
Cruz, atual Santa Cruz do Sul.
Instituto Martius–Staden

Alemães no Tabak–Tal, no Vale do Caí,
Colônia Cará, atual Feliz.
Instituto Martius–Staden

Docas do porto de Porto Alegre, local onde
muitos imigrantes desembarcaram.
Instituto Martius–Staden

Casa Histórica em Feitoria Velha (São
Leopoldo). Domicílio dos primeiros
imigrantes, em 1824.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

BANNER 11

Colônia Santa Cruz, atual Santa Cruz do
Sul.
Instituto Martius–Staden

Litografia da praça central de Nova
Petrópolis.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Colonos em São Lourenço, atual São
Lourenço do Sul.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Começo da Colônia Neu–Württemberg, atual
Panambi, perto de Ijuí, fundada em 1899.
Instituto Martius–Staden

Estação de trem de Hamburgo Berg, atual
Hamburgo Velho, núcleo de colonização de
imigrantes alemães em Novo Hamburgo.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Escola Alemã, em Villa Thereza, Vera Cruz, 1918.
Instituto Martius–Staden

BANNER 12

Vista do centrinho do município de São
Pedro de Alcântara.

Casa da Cultura e Turismo de São Pedro de
Alcântara/SC

Escola teuto–brasileira de Rio do Sul, no
vale do Itajaí, 1930.
Instituto Martius–Staden

Contrato de compra da Colônia Dona
Francisca, atual Joinville, de 1855.
Instituto Martius–Staden

Blumenau, aproximadamente 1900.
Instituto Martius–Staden

Festa de imigrantes alemães em Itoupava II, perto de Blumenau, na casa de Karl Wollenschaeger.
Valdemar Hahn Jr.

Escola alemã em Testo Central Alto, Pomerode.
Instituto Martius–Staden

BANNER 13

Caminho de São Paulo para Santo Amaro, município autônomo na época, hoje um bairro de São Paulo. Desenho de Else von Bülow, 1895.
Instituto Martius–Staden

Sítio arqueológico da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema. Área dos Altos Fornos inaugurados em 1º de novembro de 1818 pelo administrador Friedrich L. W. Varnhagen, pai de Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, dando início à produção de ferro gusa em escala industrial no Brasil.
Instituto Martius–Staden

Terreiro de café da Fazenda Ibicaba, com a casa de máquinas ao fundo, 1904.
Família Levy

Imagem atual do terreiro de café da Fazenda Ibicaba.
Instituto Martius–Staden

Começo da colonização da Colônia Riograndense, no município de Maracáí,

década de 1920.
Flávia Renata da Silva Varolo

BANNER 14

Casa de comércio alemã, em Curitiba: Venda Venske. Instituto Martius–Staden
Igreja da Colônia Witmarsum, Palmeira, anos 1950.
Heimat Museum Witmarsum

Fazenda da família Maier, em Rolândia.
Instituto Martius–Staden

A Festa da Árvore de Maio, também conhecida como Maibaumfest, é uma tradição suábica em Entre Rios. Trata-se de uma celebração pela chegada da primavera no Hemisfério Norte. Já no Hemisfério Sul, a festa é realizada para agradecer pelo término da colheita.
Museu Histórico de Entre Rios

BANNER 15

Capa de Canaã, de Graça Aranha. No romance de 1902, o autor escreve sobre a miséria dos imigrantes em Porto do Cachoeiro/Santa Leopoldina. Ele narra especialmente as humilhações às quais as mulheres eram submetidas pela administração pública.
Instituto Martius–Staden

Família pomerana com alguns animais e uma floresta ao fundo.
Acervo do Arquivo Público do Espírito Santo (APEES)

Família Ramlow, de Alto Mutum Preto, região de Baixo Guandu.

Família Ramlow

Família pomerana com homem ao centro, segurando uma concertina.

Acervo do Arquivo Público do Espírito Santo (APEES)

Colônia Santa Leopoldina, aproximadamente 1860.

FROND, Victor. Ranche Impérial sur le bord du Rio Fumaca [sic] à la colonie de Sta.

Leopoldina et dans lequel dina Sa Majesté l'Empereur. Santa Leopoldina, ES: [s.n.], ca. 1860]. 1 foto, Cópia fotográfica albuminada, p&b, 15,8 x 22,3 cm; cartão suporte: 23,6 x 30,3 cm. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=41966. Acesso em: 14 Nov. 2023.

BANNER 16

Associados do Kegel Club (Clube de Bolão) de Juiz de Fora.

Coleta e pesquisa feita pelo Prof. Me. Max A. Mendes L.

Família Müller, de Juiz de Fora.

Coleta e pesquisa feita pelo Prof. Me. Max A. Mendes L.

Igreja luterana em Teófilo Otoni, fundada pelo pastor Hollerbach, o primeiro pastor alemão da região do Vale do Mucuri.

Instituto Martius-Staden

Família Rausch, de Teófilo Otoni.

Fany Moreira; Dalva Keim

Pioneiro Franz Wendt e família em frente à sua casa, em Itueta, Vale do Rio Doce, década de 1940.

Relmutt Wendt; Carlos Rominik Stur

Mapa do Vale do Mucuri em que consta a Colônia Philadelphia, atual Teófilo Otoni, 1859. Área colonizada por muitos alemães. Instituto Martius-Staden

BANNER 17

Moradores do Lar da Velhice Israelita da União Associação Beneficente Israelita do Rio de Janeiro/RJ, 12 de dezembro de 1949, na comemoração dos 10 anos de fundação do Lar. A União foi fundada em 1937 e ainda existe.

Acervo da União Associação Beneficente Israelita do Rio de Janeiro

Imigrantes judeus.

Museu Judaico de São Paulo

Elsa Silberstein (à esquerda) e Paula Kahn (à direita) atendendo uma família de refugiados recém-chegada a São Paulo/SP, nos anos 1940.

Acervo Silberstein/SP, Arqshoah/LEER-USP

Sinagoga do Lar Golda Meir, em São Paulo/SP.

Museu Judaico de São Paulo

O advogado Max Hermann Maier e família diante de sua casa, em Rolândia/PR.

A família judia veio de Frankfurt, fugindo do regime nazista, durante os anos 1930.
Instituto Martius–Staden

Rabino Prof. Dr. Fritz Pinkuss dando aula durante o período do Estado Novo, em São Paulo/SP.

Museu Judaico de São Paulo

Senhoras moradoras do Lar União, no Rio de Janeiro/RJ, tricotam para a campanha de envio de roupas e artigos pessoais para os necessitados judeus na Alemanha, 1942.
Acervo da União Associação Beneficente Israelita do Rio de Janeiro

Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA), Porto Alegre/RS.
Acervo do Memorial da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA)

BANNER 18

Mulheres e crianças trabalhando na indústria: Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, em Brusque/SC, entre 1900 e 1910.
Aloisius Carlos Lauth; Site Brusque Memória

Professores e duas professoras da Escola Alemã de Blumenau/SC, mais tarde Escola Estadual D. Pedro II.
Instituto Martius–Staden

Internato de meninas, fundado pela educadora alemã Helene Stegner–Ahlfeld em

São Paulo/SP.
Instituto Martius–Staden

Mulheres do Lar das Irmãs da igreja luterana (Schwesternheim) de São Leopoldo/RS trabalhando no jardim, anos 1930.
Instituto Martius–Staden

Mulheres alemãs solteiras se encontrando para um chá da tarde ou café, no Rio Grande do Sul, em 1920.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Duas mulheres com fantasias de carnaval, Rio Grande do Sul.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Caroline Lemcke e seu filho Hans, São Paulo/SP, 1918.
Instituto Martius–Staden

Estatuto da Associação Feminina Beneficente da igreja luterana de São Paulo, 1914.
Instituto Martius–Staden

Casa típica de imigrantes alemães. O homem da casa fazendo trabalho de artesanato, e as mulheres costurando. Rio Grande do Sul.
Instituto Martius–Staden

BANNER 19

Escola católica em Presidente Getúlio/SC, em 1928, município antes chamado “Neu–Zürich”, fundado em 1904 por colonos suíços.
Instituto Martius–Staden

Mapa da densidade de escolas alemãs no Rio Grande do Sul, estado com o maior número de escolas e colégios de língua alemã. Em 1930, eram 939 escolas comunitárias, sendo 613 de ensino em alemão. No mesmo ano, Santa Catarina contava com 286 escolas de língua alemã, o Paraná com 38 e São Paulo com 31. O ensino em alemão foi proibido no Brasil em 1942 e retomado a partir de 1948.

Instituto Martius-Staden

Alunos do primeiro ano (1893) da antiga Escola Alemã de São Paulo, atual Colégio Visconde de Porto Seguro, fundada em 1878. Trata-se de uma das primeiras escolas de ensino em alemão no estado de São Paulo. Centro de Memória do Colégio Visconde de Porto Seguro

Escola alemã da Picada Schmitt, Santa Cruz do Sul/RS.

Instituto Martius-Staden

Escola alemã de Lapa/PR, fundada em 1928, região que recebeu muitos imigrantes teuto-russos do Volga.

Instituto Martius-Staden

BANNER 20

Igreja Luterana, em Campo Vicente, Nova Hartz/RS, 1926.

Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Festa de batismo na igreja luterana alemã, em Alto Rio Sete, São Martinho/SC.

Instituto Martius-Staden

Confirmandos com o pastor Rodolfo Saenger, em 1934, em Marques de Souza/RS, município que antigamente pertencia a Lajeado e havia sido fundado como Nova Berlim.

Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Casamento pomerano, em Itueta/MG. A noiva traja vestido preto, tradição típica pomerana da época.

Jorge Jacob Kuster; Rubens Stuhr; Carlos Rominik Stur

O Cemitério dos Protestantes em São Paulo/SP, inaugurado em 1859, fica atrás do cemitério católico (da Consolação), fundado em 1858. É o mais antigo cemitério não católico da cidade ainda em funcionamento.

Instituto Martius-Staden

Igreja Luterana de Blumenau/SC.

Instituto Martius-Staden

Casamento de Wally Bürger, em Blumenau/SC, 1927.

Instituto Martius-Staden

BANNER 21

Mapa com as colônias alemãs, do livro de Hugo Zöller (Die Deutschen im brasilianischen Urwald/Os alemães na floresta tropical brasileira), de 1883.

Instituto Martius-Staden

Os relatos de viajantes que visitaram as colônias no século 19, como, por exemplo, Johann Jakob von Tschudi, Robert Avé-Lallement e

Oskar Canstatt (vista das colônias alemãs no Rio Grande do Sul, em 1877), fazem parte da rica memória da imigração alemã no Brasil. Instituto Martius–Staden

Também merecem destaque os mais de 60 jornais em língua alemã publicados no Brasil até hoje, como, por exemplo, o *Colonie-Zeitung* (1863), de Joinville/SC, e os diversos almanaques, entre os quais o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, de São Leopoldo/RS, editado pelo Dr. Wilhelm Rotermond (1875–1919), pastor, professor e jornalista. Instituto Martius–Staden

Prédio da Editora Rotermond & Co., em São Leopoldo/RS, 1937. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Toda essa documentação só foi possível graças a gráficas e editoras alemãs como Rotermond, Laemmert e Weiszflog, entre outras. A imagem mostra a tipografia da Weiszflog Irmãos, na cidade de São Paulo/SP. Em 1920, a empresa foi incorporada pela Editora Melhoramentos. Donato, Hernâni (1990). 100 anos da Melhoramentos: 1890–1990. São Paulo: Melhoramentos, p. 49.

BANNER 22

Depósito da empresa alemã Bromberg Comercial S.A., em Porto Alegre/RS, que teve papel importante na industrialização do Rio Grande do Sul. Instituto Martius–Staden

Açougue de Edmundo Müller, no Rio Grande do Sul. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Fábrica familiar S. Katz (bombons, gasosa, padaria e confeitaria), em Blumenau/SC. Instituto Martius–Staden

Cervejaria Germania, de Emílio Reichert, na cidade de São Paulo. Quase todas as primeiras cervejarias brasileiras são de origem germânica e surgiram no século 19. Instituto Martius–Staden

Serraria de imigrantes alemães, em Rio Negrinho/SC. Posteriormente, a serraria foi integrada à famosa fábrica de móveis CIMO. Instituto Martius–Staden

Fábrica Sönksen, primeira fábrica de chocolates no Brasil. Instituto Martius–Staden

BANNER 23

Pequenos agricultores, no Rio Grande do Sul. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Fábrica de bebidas de Franz Louis Weinmann (1885), Rio Grande do Sul. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Colonização alemã, em Quilômetro 14 do Mutum, Baixo Guandu/ES, no Vale do Rio Doce. Érica Schultz Losi; Carlos Rominik Stur

Fabricação de manteiga na Cooperativa Witmarsum no Paraná, fundada em 1952.
Heimat Museum Witmarsum

Picada 48, atual Lindolfo Collor/RS, 1916.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo
Becker & Mückler, em Agudo/RS.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo
Bom Retiro/SC, região de imigrantes alemães.
Instituto Martius-Staden

BANNER 24

Grupo feminino de bolão “Alle Neune”, da Sociedade de Ginástica de São Leopoldo/RS.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Associação de Ginástica Alemã de 1890, na cidade de São Paulo.
Instituto Martius-Staden

C. F. Blitz, primeiro clube de futebol de São Leopoldo/RS, em 1914.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Festa de Natal, em Recife/PE, 1941.
Família Fouquet

“Kerb”, uma festa típica para celebrar o aniversário da igreja ou paróquia, em Linha Imperial, Nova Petrópolis/RS, por volta de 1930, em frente ao salão de Nicolau Kehl, com portador da “Kerbkrantz”.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Carnaval da Sociedade Germania, em São Paulo/SP, em 1930. Mais tarde, a Sociedade

Germania foi incorporada ao atual Esporte Clube Pinheiros.
Instituto Martius-Staden

Sociedade de Tiro “Eintracht”, em São Paulo/SP, 1916.
Instituto Martius-Staden

Banda Konrath, em Lomba Grande/RS.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Festa em Pomerode/SC.
Fotografia cedida pela família de Veriano Ehmke em novembro de 2002 para ser digitalizada.
Acervo Museu Pomerano – Prefeitura Municipal de Pomerode

BANNER 25

Escola alemã na Colônia Riograndense (Maracaí/SP).
Flávia Renata da Silva Varolo

Menonitas em frente à sua casa, em Witmarsum/SC, onde chegaram em 1929.
Mais tarde, em 1951, um grupo menor migrou para o Paraná, onde formou a Colônia Witmarsum, na cidade de Palmeira.
Heimat Museum Witmarsum
Franz e Berta Pittelkow. Família pomerana desbravadora em Itueta/MG.
Família Pittelkow; Carlos Rominik Stur

Hammonia, atual Ibirama/SC, no Vale do Itajaí.
Instituto Martius-Staden

Colônia São Bento do Sul, em Santa Catarina, aproximadamente 1900. Exemplo típico de uma colonização de migração interna.
Instituto Martius-Staden

Inauguração da segunda igreja luterana em Itueta/MG por pomeranos migrados do Espírito Santo, em 1947.
Ervim Eggert; Carlos Rominik Stur

BANNER 26

Festividade em comemoração aos 160 anos da imigração pomerana no Espírito Santo, em 2019.
Prefeitura Municipal de Itarana/ES

Mapa das variedades de dialetos do alemão, no Rio Grande do Sul.
Cléo Altenhofen

BANNER 27

Casamento em Nova Europa/SP, com o "Heil Hitler" ("Salve Hitler") ao fundo.
Instituto Martius-Staden

Integralistas em Blumenau/SC.
Instituto Martius-Staden

Jornal Deutscher Morgen (Aurora Alemã), do Partido Nacional-Socialista (NSDAP), publicado no Brasil entre 1932 e 1941.
Instituto Martius-Staden

Carta do Partido Nacional-Socialista para o Coral Schubert, 1935.
Instituto Martius-Staden

Almanaque Volk und Heimat (Povo e Pátria), do Partido Nacional-Socialista no Brasil.
Instituto Martius-Staden

Carteirinha de sócio do Partido Nacional-Socialista (NSDAP).
Instituto Martius-Staden

Festa do Colono na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Funil, Conceição de Ipanema/MG, em 1936.
Arquivo Histórico da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Funil, Conceição de Ipanema; Carlos Rominik Stur

BANNER 28

Jornal Deutsche Nachrichten.
Instituto Martius-Staden

Em 1951, o Brasil recebeu seu primeiro embaixador alemão do pós-guerra, Dr. Fritz Oellers. Visita à linha de montagem dos primeiros modelos da Volkswagen do Brasil. Atualmente, o estado de São Paulo é o maior polo industrial alemão fora da Alemanha. Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, São Paulo
Os estudos sobre a imigração alemã no Brasil são retomados com a pesquisa do francês Jean Roche e continuados a partir de 1974, com as comemorações dos 150 anos da imigração em seminários realizados pelo Instituto Histórico de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. À esquerda, o historiador Jean Roche recebendo o título de Cidadão Leopoldense por

sua obra sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul, em 1974.
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo;
Instituto Martius-Staden

Revista da VDI-Brasil, associação de engenheiros Brasil-Alemanha.
Instituto Martius-Staden

Dr. Wolfram Anders (empresa Bosch), então presidente da Câmara Brasil-Alemanha de São Paulo com Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, e Thomas Timm, então vice-presidente executivo da Câmara Brasil-Alemanha de São Paulo durante a comemoração dos 100 anos da instituição no Brasil, em 2016.
Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, São Paulo

Encontro Empresarial Brasil-Alemanha, Porto Alegre/RS, 1992.
Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, Rio de Janeiro

Encontro de representantes da Diretoria e empresas associadas à Câmara Brasil-Alemanha de São Paulo com o vice-chanceler e ministro da Economia e Proteção Climática da Alemanha, Dr. Robert Habeck em Belo Horizonte/MG, por ocasião do Encontro Econômico Brasil-Alemanha, em março de 2023.
Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, São Paulo

BANNER 29

Série de selos comemorativos “Relações Diplomáticas: Brasil-Alemanha”, Temporada da Alemanha no Brasil 2013-2014.
Arte Juliana Souza; Correios

Vista da torre ATTO (Amazon Tall Tower Observatory) na floresta amazônica.
Instituto Martius-Staden

Barbara Konner, vice-presidente executiva da Câmara Brasil-Alemanha de São Paulo, recebeu o troféu do 5º lugar no TOP Ecosistemas do Ranking TOP 100 Open Startups de 2023 em nome da instituição. A categoria premia os principais atores do ecossistema brasileiro de startups.
Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, São Paulo

O urso Buddy Bär é o símbolo da cidade de Berlim. A escultura está presente em alguns prédios das representações diplomáticas da República Federal da Alemanha no Brasil e no mundo. Simboliza a relação de amizade entre os dois países.
Consulado Geral da Alemanha em São Paulo

Capa da revista Valor Especial, 2009.
Instituto Martius-Staden

Capa da revista Wirtschaftswoche, 2013.
Instituto Martius-Staden